

**FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE IBITINGA –
FAIBI**

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Priscila Giansante Rossi

**APRENDER A APRENDER: O ESTUDO ATIVO NO
DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DO EDUCANDO**

**IBITINGA/SP
2019**

Priscila Giansante Rossi

**APRENDER A APRENDER: O ESTUDO ATIVO NO
DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DO EDUCANDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Ibitinga, como requisito para obtenção do grau
de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Ma. Maria Inês Miqueleto

**IBITINGA/SP
2019**

Rossi, Priscila Giansante.

R831a Aprender a aprender: O estudo ativo no desenvolvimento da
autonomia do educado / Priscila Giansante Rossi – Ibitinga, 2019.
91 f. : il. col.

Orientadora: Maria Inês Miqueleto.
Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura - Pedagogia) –
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga, 2019.

1. Estudo Ativo. 2. Estratégias de Estudo. 3. Aprender a Aprender.
4. Autonomia. I. Título.

CDD 372.4

Ficha catalográfica elaborada por Mayara Nunes

Bibliotecária - CRB-8/10461

Biblioteca Prof. Dr. Alberto Tosi Rodrigues da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga.
Ibitinga/SP

Priscila Giansante Rossi

**APRENDER A APRENDER: O ESTUDO ATIVO NO
DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DO EDUCANDO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ibitinga, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Profª Ma. Maria Inês Miqueleto

Profª Ma. Daniela G. S. Campos

Profª Dra. Eliane A. T. Pinto

IBITINGA/SP

2019

Dedico este trabalho acadêmico ao meu namorado Daniedson Silva Lima, por todo incentivo, apoio e ajuda para que o mesmo fosse realizado. Outrossim, a todos meus professores que contribuíram com minha formação, em especial minha orientadora Prof.^a Ma. Maria Inês Miqueleto, a qual admiro por sua excelência e comprometimento em tudo que se disponibiliza a fazer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por ter me sustentado até aqui, à minha família pelo suporte e apoio que me deram durante minha caminhada acadêmica, também ao meu namorado Daniedson Silva Lima que esteve comigo nesta jornada e juntos tivemos força, resiliência e determinação para a conclusão do curso de Pedagogia.

Sou grata por ter tido como minha orientadora a Prof.^a Ma. Maria Inês Miqueleto, que sempre esteve à disposição quando precisei. Sua orientação foi de suma importância para que este trabalho fosse realizado, pois com todo seu conhecimento e experiência soube me conduzir com maestria e me motivar durante esta pesquisa.

Do mesmo modo, agradeço à todos os professores que compartilharam seus conhecimentos e que sempre estiveram dispostos a ajudar, mesmo em uma simples conversa informal pelos corredores da faculdade, além da confiança e motivação que me deram neste tempo de formação.

Agradeço à FAIBI por me proporcionar um estudo de qualidade, com excelentes professores e colaboradores, espero contribuir de maneira positiva para com minha comunidade, todo o conhecimento que recebi durante o curso de Licenciatura em Pedagogia.

“A educação exige os maiores cuidados,
porque influi sobre toda a vida.”

Lucius Annaeus Sêneca

RESUMO

Ao longo da história da educação brasileira, várias concepções pedagógicas foram motivo de discussões. Com o movimento da Escola Nova surgiram as críticas à pedagogia tradicional e a busca por uma nova tendência que tivesse o educando como sujeito ativo de sua aprendizagem. Surge então, no cenário educacional, uma nova forma de compreender o processo de ensino e de aprendizagem, a concepção construtivista. Documentos legais nortearam a educação para a formação crítica e emancipatória das pessoas. Deste modo, a pesquisa analisa se os educandos possuem autonomia em seus processos de aprendizagem e se utilizam estratégias de estudo que colaboram, significativamente, com o desenvolvimento da habilidade de aprender a aprender. Primeiramente, foi realizada a pesquisa bibliográfica e, posteriormente, uma pesquisa para levantamento de dados por meio de questionários semiestruturados, aplicados tanto para a educadora, quanto para os educandos do 5º Ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal. Os resultados evidenciam um bom desempenho dos educandos quanto à realização de tarefas de casa e de estudos para provas, com o uso de algumas estratégias, entretanto, há sempre a possibilidade de melhorar. A pesquisa também aponta uma lacuna com relação ao direcionamento dado, aos educandos, para a realização de pesquisas e estudos feitos *online*. Desta forma, compreendemos que os educandos precisam do auxílio do educador para a formação de hábitos de estudo e que saber estudar deve ser ensinado nas escolas. Também é importante desenvolver estratégias de estudos que aperfeiçoem a aprendizagem por meio do estudo ativo e assim, ampliar a autonomia dos educandos, tanto para a vida individual quanto social.

Palavras-chave: Estudo Ativo. Estratégias de Estudos. Aprender a Aprender. Autonomia.

ABSTRACT

Throughout the history of Brazilian education, several pedagogical conceptions were the subject of discussions. With the New School movement, criticism stemmed from traditional pedagogy and the search for a new trend that had the student as an active subject of his learning. Then, in the educational scenario, a new way of understanding the process of teaching and learning emerges, the constructivist conception. Legal documents guided education for the critical and emancipatory formation of people. Thus, the research analyzes if the students have autonomy in their learning processes and study strategies are used that contribute, significantly, to the development of the ability to learning how to learn. First, bibliographic research was carried out and, later, a research was performed to collect data through semi-structured questionnaires, applied both to the educator and to the students of the 5th Year of Elementary School of a municipal school. The results show a good performance of students in terms of performing homework and studies for tests, using some strategies, however, there is always the possibility of improvement. The research also points to a gap in relation to the direction given, to students, for conducting research and studies done online. Therefore, we understand that students need the assist of the educator to the formation of study habits and that knowing how to study should be taught in schools. It is also important to develop study strategies that improve learning through active study and thus, to increase the students' autonomy, as well as for individual and social life.

Keywords: Active study. Study Strategies. Learning how to learn. Autonomy.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

TCLL - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CNS - Conselho Nacional de Saúde

FAIBI - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga

HTPC - Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Regras para elaboração de um mapa mental.....	52
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Esquema de Mapa Mental.....	54
Figura 2. Esquema de Mapa Mental.....	54

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Você faz a tarefa de casa.....	66
Gráfico 2. Qual a frequência que alguém te ajuda com a tarefa de casa?.....	67
Gráfico 3. Você estuda os conteúdos dados nas aulas diariamente além de fazer a tarefa de casa?.....	67
Gráfico 4. Você estuda para as provas?.....	68
Gráfico 5. Quando você estuda para as provas?.....	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 METODOLOGIA.....	17
2 APRENDIZAGEM A SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA....	23
2.1 A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ATUAL CONTEXTO ESCOLAR	29
2.2 A IMPORTÂNCIA DOS CONTEÚDOS PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E AUTÔNOMA	34
3 O HÁBITO DE ESTUDO COMO POSSIBILIDADE DO APRENDER A APRENDER.....	39
3.1 O SABER ESTUDAR PARA O DESENVOLVIMENTO DO APRENDIZADO	46
3.1.1 Condições que favorecem o hábito de estudo.....	49
4 ESTRATÉGIAS DE ESTUDOS.....	51
4.1 MAPA MENTAL	51
4.2 PESQUISAS E FONTES DE INFORMAÇÕES NO MEIO DIGITAL	55
4.3 LEITURA... ..	56
4.4 REVISÃO... ..	59
4.5 OUTRAS ABORDAGENS	61
5 AFINAL, COMO OS EDUCANDOS DE 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ESTUDAM?..	64
5.1 O CONTEXTO DA ESCOLA E OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	64
5.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS EDUCANDOS.....	66
5.3 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DA EDUCADORA.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o Secretário da Educação.....	80
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a Diretora da Escola.....	82
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a Educadora.....	84
APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os Pais ou Responsáveis... ..	86
APÊNDICE E - Questionário para os educandos	88
APÊNDICE F - Questionário para a educadora.....	90

INTRODUÇÃO

Ao longo do curso de Pedagogia, aprendemos que o educador não tem o papel de transmitir conteúdos aos educandos, mas sim, atuar como mediador, oferecendo oportunidades para que construam suas aprendizagens de maneira ativa e significativa. Desta forma, desenvolvem com relação à autonomia e à criticidade, requisitos básicos para o exercício da cidadania. Para tanto, é importante que a prática docente esteja voltada para o desenvolvimento de hábitos e habilidades que levem a essa autonomia e criticidade para além dos muros da escola.

É de suma importância capacitar os educandos para serem sujeitos ativos ao longo de suas vidas e também para o meio social em que vivem, ensinando a eles, por exemplo, estratégias, técnicas e métodos de estudo que os auxiliarão por toda vida. São ferramentas que colaboram para o desenvolvimento da autonomia dos mesmos, pois o estudo ativo é intrínseco à aprendizagem efetiva.

Diante do exposto, o tema deste trabalho diz respeito à habilidade de aprender a aprender, como possibilidade de autonomia para os educandos, para toda a vida e não somente para o período escolar.

A decisão em pesquisar o tema acima surgiu das várias leituras realizadas, nas quais foi possível identificar escolas realizando projetos com os educandos, para o desenvolvimento de hábitos de estudo. Durante os estágios, observei que as crianças estudam apenas no dia anterior às provas, e que acabam tentando decorar os conteúdos que são esquecidos rapidamente. O tema escolhido também se justifica pela minha experiência pessoal, a de gostar de estudar, de pesquisar e da autonomia que reconheço desenvolver quando coloco em prática a habilidade de aprender a aprender.

A partir das experiências com as leituras, das observações nos estágios e da minha própria experiência de estudos, surgiram alguns questionamentos: É possível aprender a aprender e chegar à autonomia para a aquisição de conhecimentos para toda a vida? Atualmente, escola e educadores orientam os educandos para a realização das tarefas de casa, bem como trabalham para desenvolver o hábito de estudo diário? Quais estratégias de estudos podem ser ensinadas e aprendidas para que a aprendizagem seja significativa e duradoura? Quais estratégias os educandos utilizam?

Conjecturamos que as escolas se preocupam em desenvolver os conteúdos do currículo, em avaliar as aprendizagens, em solicitar tarefas de casa, porém não ensinam aos

educandos como estudar, como buscar informações, independentemente dos educadores, ou como devem organizar essas informações.

Posto isto, o objetivo geral desse trabalho consiste em compreender como os educandos do 5º Ano do Ensino Fundamental se organizam em seus momentos de estudo e também investigar quais estratégias de estudos utilizam para desenvolver melhor seu processo de aprendizagem e buscar sua autonomia.

Os objetivos específicos são:

- Conhecer o que educadores e especialistas apresentam sobre a aprendizagem significativa para o desenvolvimento da autonomia nos educandos.
- Identificar condições e estratégias que favorecem a realização das tarefas de casa e o hábito de estudo.
- Reconhecer de que forma a escola, educador e educandos de uma turma de 5º Ano do Ensino Fundamental trabalham com a questão dos estudos e tarefas escolares.

A metodologia utilizada para atingir os objetivos propostos tem uma abordagem descritiva. Em um primeiro momento foi realizada a pesquisa bibliográfica, logo após a pesquisa de levantamento que teve como instrumento a aplicação de um questionário semiestruturado tanto para os educandos quanto para a educadora do 5º Ano do Ensino Fundamental, para coleta de dados. O procedimento utilizado foi o método misto, pois com ele há possibilidade de análise de dados quantitativos e qualitativos.

O primeiro capítulo desse trabalho visa justamente detalhar todas as etapas acima mencionadas, caracterizando assim, a metodologia adotada.

O segundo capítulo aborda a educação no Brasil e de que maneira a concepção construtivista pode contribuir com a qualidade do ensino. Também explana a educação permanente e os quatro pilares que servem de base para a educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Aborda ainda, o papel que se espera do educador frente ao desenvolvimento das várias competências e habilidades que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aspira, bem como a importância da aprendizagem significativa no atual contexto escolar.

A terceira parte do trabalho enfatiza o papel do educando como sujeito ativo frente à aprendizagem e a importância de o educador em motivar os educandos por meio de situações pedagógicas favoráveis e significativas para o aprendiz. Aborda ainda, condições que favorecem o hábito de estudo, apresentando alguns aspectos que podem colaborar com uma aprendizagem mais eficaz.

O quarto capítulo apresenta algumas estratégias de estudos que contribuem para aprender a aprender e para o desenvolvimento da autonomia.

No quinto e último capítulo, são apresentadas as análises dos questionários aplicados à educadora e aos educandos de uma turma de 5º Ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal.

Será possível ao final deste trabalho, identificar que os educandos do 5º Ano da escola pesquisada, apresentaram um bom desempenho na realização de suas tarefas de casa e de estudo para provas, entretanto, há fatores relevantes, que ressaltaremos durante a análise dos questionários, levando a refletir sobre o estudo ativo no processo de desenvolvimento da autonomia do educando.

1 METODOLOGIA

Iniciamos o capítulo expondo a metodologia utilizada para a realização do mesmo, bem como a trajetória da pesquisa para que os objetivos fossem atingidos. Primeiramente, devemos compreender a importância de uma pesquisa.

De acordo com Oliveira (1999, p. 118), a finalidade da pesquisa é “tentar conhecer e explicar os fenômenos que ocorrem nas suas mais diferentes manifestações e a maneira como se processam os seus aspectos estruturais e funcionais, a partir de uma série de interrogações”. O autor também afirma que a pesquisa visa buscar respostas para qualquer tipo de questionamentos que englobem todas as áreas a respeito do conhecimento humano.

Lakatos e Marconi (2001, p. 155) descrevem a pesquisa como “um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui em um caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”.

Destarte, para atingir os objetivos deste trabalho optamos por procedimentos do método misto, que de acordo com a explicação de Creswell (2007), é um método que teve origem a partir dos estudos de Campbell e Fiske que utilizaram métodos múltiplos em pesquisas.

De acordo com Creswell (2007, p. 35):

Uma técnica de métodos mistos é aquela em que o pesquisador tende a basear as alegações de conhecimento em elementos pragmáticos (por exemplo, orientado para consequência, centrada no problema pluralista). Essa técnica entrega estratégias de investigação o que envolve coletas de dados simultânea ou sequencial para melhor entender os problemas de pesquisa. A coleta de dados também envolve a obtenção tanto de informações numéricas (por exemplo, instrumentos) como de informações de texto (por exemplo, entrevistas), de forma que o banco de dados final que apresente tanto informações quantitativas como qualitativas.

A fim de entendermos melhor o método misto, é importante esclarecer que segundo Creswell (2007, p. 161), as análises dos métodos quantitativos correspondem “a redução a um conjunto de variáveis parcimonioso, estritamente controlado através de projeto ou análise estatística, garante medidas ou observações para testar uma teoria”.

Já para as análises dos métodos qualitativos, Creswell (2007, p. 186 e 187) diz que:

a pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa. Isso significa que o pesquisador faz uma interpretação dos dados [...] isso também significa que o pesquisador filtra os dados através de uma lente pessoal situada em um momento sociopolítico e histórico específico. Não é possível evitar as interpretações pessoais, na análise de dados qualitativos.

Diante destes conceitos, Creswell (2007) destaca que o método misto, que administra coleta de dados agregadas às pesquisas qualitativas e quantitativas, está se expandindo cada vez mais. De acordo com Creswell (2007, p. 211), o método misto se desenvolveu “em resposta à necessidade de esclarecer o objetivo de reunir dados quantitativos e qualitativos em um único estudo (ou em um programa de estudo)”.

Creswell (2007), também destaca a estratégia aninhada concomitante, que possui como vantagem a coleta de dados quantitativos e qualitativos simultaneamente, não precisando de outros momentos de coleta de dados.

Esta estratégia, embora tenha seus pontos fortes, também possui suas limitações que segundo Creswell (2007), não há muita orientação quanto a soluções caso haja muita diferença entre os dados quantitativos e qualitativos.

Diante do exposto, para este trabalho, a estratégia aninhada concomitante mostra-se pertinente para uma melhor busca e análise de resultados.

Primeiramente, para compreendermos a importância do hábito de estudo para o desenvolvimento da habilidade de aprender a aprender, que de acordo com Delors (2010) é uma habilidade que otimiza a capacidade de saber aproveitar as oportunidades que aparecem ao longo da vida, e das estratégias de estudos, utilizamos a pesquisa bibliografia que, de acordo com Lakatos e Marconi (2001 p. 183), é uma pesquisa que “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde as publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais (...)”.

Complementando Lakatos e Marconi (2001), Oliveira (1999) afirma que “a pesquisa bibliográfica tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinados assuntos ou fenômenos”.

Após os estudos bibliográficos, o próximo passo consistiu em coletar dados. A Escola Tropical ¹ foi escolhida para a pesquisa de levantamento por ser uma escola municipal que

¹ Para preservação da identificação da escola pesquisada, utilizamos como nome fictício Escola Tropical

possui apenas uma sala de 5º Ano do Ensino Fundamental. Além disso, está localizada bem próxima à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga – FAIBI, facilitando o acesso.

As pesquisas de levantamento, segundo Gil (2002, p. 50):

[...] caracterizam-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoa acerca do problema estudado, em seguida, mediante análise quantitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados coletados.

De acordo com Andrade (2001, p. 148), “o planejamento de uma pesquisa inclui um plano de execução e a elaboração dos instrumentos que serão utilizados na coleta de dados: questionários, formulários, roteiros de entrevista, etc.”.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário que, segundo Oliveira (1999), deve ser desenvolvido de acordo com o objetivo da pesquisa que visa unir todas as informações que são fundamentais.

Para o questionário foram formuladas perguntas fechadas “aquelas que indicam três ou quatro opções de respostas ou se limitam a respostas afirmativa ou negativa, e já trazem espaços destinados à marcação da escolha” (ANDRADE, 2001 p. 149). Também foram formuladas perguntas abertas que “dão mais liberdade de respostas, proporcionando maiores informações (...) dificilmente perguntas abertas podem ser tabuladas e precisam ser agrupadas, por semelhança, para serem analisadas” (ANDRADE, 2001, p. 149).

O questionário elaborado possibilitou uma análise de dados tanto qualitativos quanto quantitativos, que conforme Creswell, (2007, p. 220) indica: “Os dados coletados através dos dois métodos são reunidos durante a fase de análise do projeto”.

Para as autoras Lakatos e Marconi (2001) ao elaborar um questionário é preciso estar atento a procedimentos corretos para que ele se efetive e que apresente valia. Além do mais, a execução de um pré-teste nos ajuda a elaborar o questionário de uma forma mais assertiva.

De acordo com Lakatos e Marconi (2001, p. 203) sobre o pré-teste:

Depois de redigido, o questionário precisa ser testado antes de sua utilização definitiva, aplicando-se alguns exemplares em uma pequena população escolhida. A análise dos dados, após a tabulação, evidenciará possíveis falhas existentes: inconsistência ou complexidade das questões; ambiguidade ou linguagem inacessível; perguntas supérfluas ou que causam embaraço ao informante; se as questões obedecem a determinada ordem ou senso muito numerosas etc.

Levando em consideração e compreendendo a importância do pré-teste, aplicamos o questionário semiestruturado para um grupo de educandos do 5º Ano do Ensino Fundamental, ou seja, o mesmo público alvo de nossa pesquisa, entretanto, de outra escola, pois, de acordo com Lakatos e Marconi (2001, p. 203) o questionário “deve ser aplicado em populações com características semelhantes, mas nunca naquela que será alvo de estudo”.

Desta maneira, pudemos observar a duração do questionário, se havia dúvidas referentes às perguntas e outros pontos a modificar, estando assim, de acordo com as orientações de Lakatos e Marconi (2001, p. 203): “Verificadas falhas, deve-se reformular o questionário, conservando, modificando, ampliando ou eliminando itens; explicitando melhor alguns ou modificando a redação de outros”. Realmente, após o pré-teste foram realizadas as devidas alterações e adequações no questionário que seria aplicado com os educandos.

Foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, para todos os envolvidos na pesquisa: Secretário Municipal da Educação (APÊNDICE A), Diretora da Escola (APÊNDICE B), Educadora responsável pelo 5º Ano (APÊNDICE C) e, para todos os pais ou responsáveis dos trinta e um educandos (APÊNDICE D). Segundo a resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS, “o respeito à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa” (BRASIL, 2012, p. 5).

Foi combinado com a docente da turma o melhor período para a aplicação do questionário com os educandos (APÊNDICE D). No dia marcado, optou-se em ler as perguntas em voz alta, mas sem influenciar nas respostas, e cada um respondia na sua folha. Para os educandos que faltaram no dia da aplicação, esta foi repetida, da mesma forma, em dias que compareceram à escola. A média de tempo para as aplicações foram de trinta minutos.

Em outra oportunidade foi solicitado à educadora que respondesse a um questionário (APÊNDICE E) em nossa presença, que aconteceu enquanto os educandos estavam na aula de Informática.

Após a coleta das informações, por meio dos questionários, foi realizada a análise de cada questão que, de acordo com Creswell (2007, p. 194), é um processo que “envolve preparar os dados para análise, conduzir análises diferentes, aprofundar-se cada vez mais no entendimento do significado mais amplo dos dados”.

Segundo Oliveira (1999, p. 191):

Na análise, o pesquisador entra em detalhes sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas às suas indagações, e procura estabelecer as relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas. Estas são comprovadas ou refutadas mediante a análise.

Para o mesmo autor (2001, p. 191) a interpretação “é a atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos (...) é importante que eles sejam colocados de forma sintética e de maneira clara e acessível”.

Neste trabalho, foram organizadas informações em gráficos como representação de dados, estes auxiliam na compreensão, de maneira mais prática, das respostas de algumas perguntas. Como afirmam Lakatos e Marconi (2001, p. 170), “os gráficos, utilizados com habilidade, podem evidenciar aspectos visuais dos dados, de forma clara e de fácil compreensão. Em geral, são empregados para dar destaque a certas relações significativas”.

O tipo de gráfico utilizado foi o analítico, que permite trazer informações e cooperar com o pesquisador ao precisar interpretar, inferir, prever ou calcular seu resultado. (LAKATOS; MARCONI, 2001).

Por fim, ressaltamos os resultados de nossa pesquisa levando em consideração todas as informações bibliográficas e as respostas dos questionários dos educandos e da educadora, tais considerações ou conclusões fazem parte da finalização da pesquisa.

Para Lakatos e Marconi (2001, p. 171):

As conclusões devem estar vinculadas à hipótese de investigação, cujo conteúdo foi comprovado ou refutado. Em termos formais, é uma exposição factual sobre o que foi investigado, analisado e interpretado; é uma síntese comentada das ideias essenciais e dos principais resultados obtidos, explicitados com precisão e clareza. Ao se redigirem as conclusões, os problemas que ficam sem solução serão apontados, a fim de que no futuro possam ser estudados pelo próprio autor ou por outros.

Após a análise, interpretação e conclusão da pesquisa, voltamos à Escola Tropical para compartilhar os resultados com a equipe gestora e com os educadores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A reunião aconteceu no Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo - HTPC.

Acreditamos ser útil para a escola conhecer os hábitos de seus educandos referentes ao estudo, além de trazer um conhecimento da importância das estratégias de estudos ao ponto de

reverem sua prática em relação a este tema, para que, conseqüentemente, a habilidade de aprender a aprender se desenvolva de maneira mais eficaz.

2 APRENDIZAGEM A SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA

O capítulo aborda a educação no Brasil e de que maneira a concepção construtivista pode contribuir com a qualidade do ensino. Apresenta, brevemente, o processo de aprendizagem, explana a educação permanente e os quatros pilares que servem de base para a educação, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Apresenta também o papel que se espera do educador frente ao desenvolvimento das várias competências e habilidades que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aspira, bem como a importância da aprendizagem significativa no atual contexto escolar.

Por fim, trata da importância dos conteúdos para a aprendizagem significativa e autônoma, definindo o conceito de conteúdo e explanando sobre conteúdos factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais.

A Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988 ao tratar da educação em seu artigo 205 dispõe que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, p. 123, 2016).

Partindo deste princípio de educação é concernente que a concepção pedagógica a ser incluída nas escolas esteja de acordo com tais preceitos. Frente a este cenário, a concepção que possui características que condiz com a Constituição Federal do Brasil de 1988 e, atualmente utilizada pelas escolas, é a concepção construtivista.

A concepção construtivista segundo a autora Sanny S. da Rosa (2002) nasce das aspirações do Iluminismo que defende o uso da razão para conduzir as ações de cada indivíduo, sendo capaz assim, de transformar o mundo em sua volta.

Corroborando com Rosa (2002), Freitag (1993, p. 28 *apud* Leão, 1999, p. 195) afirma que:

O pressuposto filosófico do Construtivismo é, de fato, um pressuposto iluminista. Sem a razão, teríamos a des-razão, teríamos a loucura, teríamos a impossibilidade de pensar o mundo, de ordenar, de construir uma visão, uma concepção sobre o mundo, da natureza e o mundo social, ou seja, a sociedade. Portanto, existe implícito no Construtivismo um postulado que eu chamaria de universalismo cognitivo. Potencialmente, o homem é um ser dotado de razão. Ou seja, ele tem um potencial

cognitivo de pensar o mundo, de reconstruir no pensamento, nos conceitos, o mundo da natureza e de ordenar o mundo (inclusive o mundo social), com o auxílio de critérios racionais.

Por compreender que os ideais Iluministas entrelaçados à concepção construtivista, visam formar um indivíduo que consiga, por meio da razão, ordenar seus pensamentos para exercer sua cidadania e compreender o mundo em que vive, entendemos que, a concepção construtivista converge com a definição de educação proposta na Constituição Federal do Brasil de 1988 supracitada.

Segundo Telma Weisz (2009), nos anos de 1920 o movimento Escola Nova, entusiasmado com a ideia de uma aprendizagem ativa e com um posicionamento crítico à concepção tradicional, trouxe também algumas ideias distorcidas. Assim, Weisz (2009, p. 31) afirma que “a utilização, frequente distorcida, dessas ideias acabou por incentivar uma onda de práticas pedagógicas espontaneístas”. Ou seja, optava-se por não privilegiar os conteúdos escolares, e sim por oferecer oportunidades de aprendizado não importando o assunto tratado.

Conforme a autora afirma, as ideias do movimento da Escola Nova foram assiduamente criticadas ao longo dos anos, porém significativamente nos anos de 1970, pois o modelo de ensino da Escola Nova “não favorecia a inserção das crianças pobres que vinham de casa com uma bagagem cultural que não era valorizada na escola, no universo da cultura reconhecida socialmente.” (WEISZ, 2009, p. 31).

Em meados da década de 1980, a concepção construtivista, que perpassa pelas ideias do movimento da Escola Nova, passou a ter relevância no cenário educacional tornando-se objeto de estudos, discussões e debates. Entretanto, por conta da falta de compreensão dos fundamentos da concepção, sua implantação se deu com graves equívocos, tanto ao que diz respeito a interpretações da teoria, quanto em sua prática (ROSA, 2002).

Dado ao exposto, sabemos pela história da educação brasileira, que a concepção construtivista é proveniente dos pensamentos de vários estudiosos e do movimento da Escola Nova, embora esteja mais consolidada nos dias de hoje, podemos levar em consideração a citação de Rosa (2002) acima, ao dizer que sua prática é acometida por equívocos significativos. Entretanto, não aprofundaremos tais equívocos neste trabalho, portanto, o que consideramos são as proposições dessa concepção.

Consoante a essas proposições, Ferreiro, E & Teberosky, A., (1985 p. 26 *apud* Rosa 2002, p. 42) nos diz que pela concepção construtivista podemos esperar um educando como:

Um sujeito que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. Não é um sujeito que espera que alguém possua um conhecimento o transmita a ele, por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo.

Desta forma, podemos compreender que a concepção construtivista estimula o educando a construir seus conhecimentos por meio de suas ações favorecendo a reflexão sobre as situações que o rodeia, tornando-se um sujeito ativo e responsável pela sua aprendizagem e desenvolvendo, concomitantemente, sua criticidade e autonomia.

Posto isto, a autora Rosa (2002, p. 48) nos esclarece que:

[...] os teóricos do construtivismo constataam que o aluno é sujeito de sua própria aprendizagem, o que equivale a dizer que ele atua de modo inteligente em busca da compreensão do mundo que o rodeia, automaticamente estão dando uma grande “dica” aos educadores, e lançando também um grande desafio. É como se dissessem: “sejam o centro do processo de ensino; criem, junto com os alunos, os seus próprios caminhos; descubram alternativas pedagógicas em sala de aula”.

De acordo com Chauí (1980, p. 39 *apud* Rosa 2002, p. 54) “Ao professor não cabe dizer: faça como eu, mas faça comigo”. Pode-se observar que esta afirmação vai ao encontro dos princípios da concepção construtivista, pois se entende que o papel do educador deve ser o de mediador ou facilitador da aprendizagem.

Todavia, para compreendermos o papel do educador deveremos primeiramente buscar conhecimentos sobre o processo de aprendizagem e, referente a isto Rosa (2002, p. 56) destaca os estudos de Jean Piaget:

Recorrendo ao cientista, somos informados por Piaget de que a aprendizagem é o resultado do processo de desequilíbrio-equilíbrio (“processo de equilibração”), análogo à situação do corpo quando na carência de água (desequilíbrio), provoca desconforto (sede) e a necessidade de voltar à situação de um novo equilíbrio. Entre a condição de desequilíbrio e a satisfação da necessidade por ele provocada, há uma intensa atividade do indivíduo (processo de assimilação-acomodação), da qual resulta a ampliação dos recursos de entendimento (esquemas), que Piaget denomina “aprendizagem”.

Com base na visão piagetiana a autora Rosa (2002) nos diz que o educador deve trazer situações-problemas para os educandos e os desestabilizarem para que o “desequilíbrio” aconteça, estimulando assim os educandos a buscarem soluções para voltarem ao seu “equilíbrio” construindo desta forma seus conhecimentos e testando suas hipóteses de resoluções.

No que tange ao papel do educador, Rosa (2002, p. 60) diz que para ele “Compete-lhe desafiar, instigar à dúvida, retirar dos alunos as certezas que os colocam, também, em situação tão confortável”. Para tanto, é necessário que tenha domínio dos conteúdos de ensino, conheça e saiba de que forma os educandos desenvolvem-se cognitivamente (ROSA, 2002).

De acordo com Rosa (2002), ainda que os educandos sejam o centro do aprendizado, o educador não deixa de ser relevante neste processo. Fica evidente que para que haja uma aprendizagem efetiva deve haver diálogo e constante interação de ambas as partes.

Em virtude de tudo que foi mencionado, a concepção construtivista, que tem o educando como sujeito ativo de sua aprendizagem, visa formar um indivíduo crítico e consciente de seu papel de cidadão para com a sociedade a fim de transformá-la e melhorá-la.

Neste ponto é essencial que compreendamos que a concepção construtivista é um meio pelo qual se pode atingir o desenvolvimento pleno da pessoa, para tanto, devemos nos aprofundar sobre a importância de cada indivíduo ser sujeito de sua aprendizagem e se reconhecer assim pelo longo de sua vida, pois nunca paramos de aprender.

Encontramos no “Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação no século XXI”, organizado por 15 membros sob a coordenação de Jacques Delors, o interesse por uma educação permanente que condiz com os princípios da educação de acordo com a Constituição Federal Brasileira (1988).

Para Delors (2010, p. 12):

É a ideia de educação permanente que deve ser, simultaneamente, reconsiderada e ampliada; com efeito, além das necessárias adaptações relacionadas com as mudanças da vida profissional, ela deve ser uma construção contínua da pessoa, de seu saber e de suas aptidões, assim como de sua capacidade para julgar e agir. Ela deve permitir que cada um venha a tomar consciência de si próprio e de seu meio ambiente, sem deixar de desempenhar sua função na atividade profissional e nas estruturas sociais.

Delors (2010) prossegue conceituando a educação ao longo da vida, segundo o autor esta educação deve acontecer para preparar os indivíduos frente aos desafios de um mundo

globalizado que se transforma em uma rápida velocidade. À vista disso, para superar tais desafios é importante que cada um aprenda a aprender.

Nesta perspectiva a educação ao longo da vida segundo Delors (2010, p. 32) “deve tirar proveito de todas as oportunidades oferecidas pela sociedade”. Para que isto ocorra Delors (2010) apresenta quatro pilares que servem de base para a educação, são eles: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

O aprender a conhecer é conceituado como a habilidade de aprender a aprender, para que assim, ao longo da vida ao se deparar com alguma oportunidade o indivíduo consiga saber aproveitá-la da melhor maneira.

O aprender a fazer é a competência que capacita uma pessoa a resolver problemas e de saber lidar com equipes, tanto nos ambientes sociais ou de trabalho.

O aprender a conviver trata-se do respeito ao pluralismo, da compreensão das diferenças do outro e uma busca pelo bom convívio.

O aprender a ser diz respeito a cada indivíduo desenvolver sua personalidade e ser apto a tomar suas decisões por conta própria se responsabilizando por tais atos, para isso a educação deve considerar a singularidade de cada um e trabalhar devidamente cada potencialidade.

Como vimos um dos pilares da educação mencionado por Delors (2010) é definido como “aprender a conhecer” que envolve a habilidade de aprender a aprender. Nas palavras de Celso Antunes (2010, p. 13) “isto é, adquirir as competências para a compreensão, incluindo o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento. Em síntese, quem aprende a conhecer aprende a aprender”.

Sendo assim, Antunes (2010) afirma que desenvolver essa competência nos ajuda a solucionar diversas situações, possibilita a construção de novos conhecimentos, a selecionar informações, ser capaz de contextualizá-las de acordo com sua realidade e de expressá-las garantindo o desenvolvimento da autonomia.

De acordo com Antunes (2010, p. 34) uma das várias competências que os educandos necessitam desenvolver, é: “Saber selecionar e classificar as informações recebidas, perceber de maneira crítica os diferentes meios de comunicação para melhor desenvolver sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia e discernimento”.

Entende-se que o “aprender a conhecer” faz-se necessário pelo momento histórico que vivemos diante do rápido avanço tecnológico e de várias fontes de comunicações que propagam notícias nem sempre verdadeiras, denominadas *fake news*.

De acordo com Weisz (2009, p. 36):

Os rumos que nossa sociedade está tomando indicam claramente que, para ser capaz de aprender a aprender permanentemente (...) a bagagem básica necessária hoje é acadêmico-cultural, em que se articulam conhecimentos de origem tradicionalmente escolar e relacionados aos movimentos culturais da sociedade.

A autora corrobora com as afirmações de Antunes (2010) supracitadas, pois segundo Weisz (2009, p. 36):

Alguém pode aprender por si mesmo quando já sabe o suficiente para, primeiro, recorrer o que merece ser aprendido, depois construir estratégias, a partir do que já sabe, para alcançar novos conhecimentos. Para conquistar essa condição é preciso, por exemplo, ser um leitor competente, porque muito do conhecimento disponível está escrito. É desejável buscar informações através do computador, pois trata-se de uma forma rápida de obtê-la. Mas o fundamental é desenvolver a capacidade de estabelecer relações inteligentes entre os dados, as informações e os conhecimentos já construídos.

Por este motivo, ao tratarmos do âmbito escolar é de extrema importância que o educando desenvolva a habilidade de discernir os tipos de informações que o atinge e de posicionar-se de forma crítica frente a elas, para que não se tornem meros reprodutores de informações, e sim, consigam a partir delas formarem suas próprias opiniões e argumentos.

Segundo Weisz (2009, p. 36) “a escola tem hoje uma tripla função, levar os alunos a aprender a aprender, dar-lhes os fundamentos acadêmicos e, sem perda de tempo, equalizar as enormes diferenças no repertório de conhecimentos com que eles chegam”.

O que se espera do “aprender a conhecer” é a conscientização do educando da aplicabilidade desta competência em qualquer situação que estiver, dentro do ambiente escolar ou fora dele, o que conseqüentemente desenvolve sua autonomia. A autonomia visa colaborar com sua vida social e pode ser considerada uma das funções da escola desenvolvê-la, como afirma Weisz (2009).

Paulo Freire (2002, p. 74), educador brasileiro, discute sobre os papéis dos educadores e dos educandos nesta perspectiva:

Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. Ele precisa de se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como professor, e ele, como aluno se estabeleça. É por isso, repito, que ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor.

Para complementar Freire (2002), Zabala (1998) nos demonstra a aprendizagem sob a concepção construtivista elucidando a importância dos esquemas de conhecimentos que devem se ampliar em confronto com novos conhecimentos, produzindo assim uma aprendizagem significativa. Sendo do educando o papel ativo na aprendizagem Zabala (1998 p. 38) cita sobre o papel do educador na concepção construtivista:

É ele quem dispõe as condições para que a construção que o aluno faz seja mais ampla ou restrita, se oriente num sentido ou noutro, através da observação dos alunos, da ajuda que lhes proporciona para que a utilizem seus conhecimentos prévios, da apresentação que faz dos conteúdos, mostrando seus elementos essenciais, relacionando-os com o que os alunos sabem e vivem, proporcionando-lhes experiências para que possam explorá-los, compará-los, analisá-los conjuntamente e de forma autônoma, utilizá-los em situação diversas, avaliando a situação em seu conjunto e reconduzindo-a quando considera necessário, etc.

De acordo com a afirmação de Freire (2002) e Zabala (1998) supracitados, compreendemos que ao dar vez aos educandos e enaltecer seus conhecimentos prévios os educadores oferecem a eles o que Antunes (2010) aborda ao se tratar do “aprender a conhecer”, fazer com que pensem, reflitam, contextualizem as informações pertinentes à realidade deles, que saibam expressá-las de forma a compreender melhor o mundo a sua volta e utilizar dessas competências para sua vida social.

2.1 A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ATUAL CONTEXTO ESCOLAR

Cada vez mais nos deparamos com o crescente e rápido desenvolvimento tecnológico que provoca mudanças de hábitos, de comportamentos, de sociedade entre outros aspectos.

Vivemos em um mundo globalizado cheio de distrações, informações e de novas formas de comunicação que fazem parte do dia a dia de todos.

Deste modo, a escola está diante de um grande desafio, oferecer aos seus educandos diversos recursos e maneiras que os nutram de conhecimentos para a vida frente a este mundo globalizado e em constante transformação.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017 p. 14):

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades.

Referente a esta citação, fica evidente que a BNCC (2017) está atenta a como a sociedade se encontra em tempos atuais e orienta para uma educação que se alinhe com as novas demandas, além de contemplar as características que Delors (2010) e Antunes (2010) citam sobre o “aprender a conhecer”, bem como respaldar a concepção construtivista. Levando em consideração este cenário repleto de mudanças, Zabala e Arnau (2010) afirmam que:

Não se pode pensar na escola como uma simples transmissora de conhecimentos, mas, para resistir à complexidade crescente dos fenômenos mundiais e poder dominar o sentimento de incertezas que eles suscitam, deve promover um processo que consista ao mesmo tempo na aquisição do conhecimento, em sua revitalização e a análise crítica.

Os autores Zabala e Arnau (2010) acreditam que a escola deve promover reflexão aos educandos de tal forma que estes sejam capazes de intervirem em qualquer situação que julguem necessário conforme sua postura crítica. “Trata-se de aprender a pensar por si mesmo para deliberar, julgar e escolher de acordo com as próprias reflexões, sabendo que somente quem pensa por si mesmo pode chegar a ser um indivíduo”. (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 81).

Para que esta autonomia seja desenvolvida em cada educando é necessário que vários fatores relativos à aprendizagem entrem em ação. Tanto para a BNCC quanto para outros estudiosos, esses fatores são o desenvolvimento de competências e capacidades que devem ser desenvolvidos em todos os educandos. Segundo Zabala e Arnau (2010, p. 17):

O uso do termo competência é uma consequência da necessidade de superar um ensino que, na maioria dos casos, reduziu-se a uma aprendizagem cujo método consiste em memorização; isto é, decorar conhecimentos, fato que acarreta na dificuldade para que os conhecimentos possam ser aplicados na vida real.

Os autores Zabala e Arnau (2010, p. 22) também afirmam que:

O ensino deve ser para todos, independente de suas possibilidades profissionais. Formar em todas as capacidades do ser humano, com a finalidade de poder responder com os problemas que a vida apresenta [...] uma escola que forme em todas as competências imprescindíveis para o desenvolvimento pessoal, interpessoal, social e profissional.

Consoante à ideia de que cada educando desenvolva suas competências e capacidades a fim de tornar-se autônomo, a BNCC (BRASIL, 2017, p. 08) do mesmo modo pontua sobre a necessidade de se desenvolver competências, as definindo da seguinte maneira:

Na BNCC, a competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

É perceptível que as afirmações dos autores, bem como a definição de competência da BNCC (2017) caminham ao encontro de fazer valer a educação que a Constituição Federal do Brasil de 1988 suscita.

Sendo assim, para que tais competências e capacidades sejam desenvolvidas pelos educandos, é de extrema importância que os educadores tenham consciência de como devem organizar suas práticas educativas.

Cabe aos educadores compreenderem a realidade de seus educandos e a velocidade com que a tecnologia avança para garantir a eles uma aprendizagem que seja significativa. De acordo com Zabala (1998, p. 159).

Se a realidade, como objeto de estudo, é o nexo comum dos métodos globalizadores, também o é a necessidade de criar as condições que permitam que o aluno esteja motivado para a aprendizagem e que seja capaz de compreender e aplicar os conhecimentos adquiridos.

Para a BNCC (2017, p. 16), as ações que devem ocorrer para desenvolver a aprendizagem devem “contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas”.

A afirmação acima condiz com a reflexão de Zabala (1998) ao tratar sobre a aprendizagem significativa classificada pelo autor como atitude favorável, que são situações próximas que acontecem ao redor dos educandos usadas para as aprendizagens. Essas situações devem ganhar espaço nas aulas, pois desta forma educadores estarão incentivando o trabalho com conteúdos pertinentes e oferecendo sentido à aprendizagem.

Zabala e Arnau (2010) criticam a “aprendizagem mecânica”, uma aprendizagem superficial que se utiliza apenas da memória e na maioria das vezes não é possível aplicá-la na vida real, nem contribuir para a compreensão do meio em que estamos. A aprendizagem mecânica não coopera com o desenvolvimento pessoal, social, profissional de um cidadão.

Assim sendo, Zabala e Arnau (2010, p. 19) abordam o fato da “concepção do sistema escolar de caráter propedêutico e seletivo, que entendeu o ensino como um percurso de superação de etapas [...]”. Por esta concepção podemos compreender que não há uma preocupação com a aprendizagem que faça o educando desenvolver suas competências, capacidades e habilidades, mas sim com seu sucesso em provas de vestibulares.

De acordo com Vigotsky (2004, p. 194) e conforme as afirmações de Zabala e Arnau (2010):

O pecado principal da nossa velha escola não consistia em que nela houvesse pouca aprendizagem de memória, mas em que esta aprendizagem era feita no sentido

desnecessário e estéril, ou seja, seu objetivo foi sempre responder ao professor nas provas finais, toda aprendizagem de memória estava adaptada apenas a isto e não se prestava a outros fins.

É neste cenário que encontramos a “aprendizagem mecânica”, a qual devemos superar para garantir uma atuação consciente de cada indivíduo em seu ambiente social. Em contraste com este tipo de aprendizagem é que os educadores devem se dispor. Deste modo, retomaremos a importância da aprendizagem significativa.

De acordo com Zabala e Arnau (2010, p. 94):

Uma aprendizagem será mais ou menos significativa quando, além de significar uma memorização compreensiva, for possível sua aplicação em contextos diferenciados e quando puder ajudar a melhorar a interpretação ou a intervenção em todas as situações em que se fazem necessárias.

Para os autores Moreira e Masini (2001, p. 17), de acordo com a teoria de David Ausubel “a aprendizagem significativa é um processo pelo qual uma nova informação se relaciona com um aspecto relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo”.

Isabel Solé (1998, p. 44 e 45) também discorre sobre o conceito de David Ausubel:

Na explicação construtivista, adota-se e reinterpreta-se o conceito de aprendizagem significativa criado por Ausubel (1963). Aprender algo equivale a formar uma representação, um modelo próprio, daquilo que se apresenta como objeto de aprendizagem; também implica poder atribuir significado ao conteúdo em questão, em um processo que leva a uma construção pessoal de algo que exista objetivamente. Esse processo remete à possibilidade de relacionar de uma forma não arbitrária e substantiva o que já se sabe e o que se pretende aprender.

Para finalizar, cabe ressaltar que para Vigotsky (2004), quando se pretende fixar nos educandos algum aprendizado, deve-se levar em consideração seus sentimentos, tentando os atingir.

Dado o exposto, compreendemos que a aprendizagem significativa está intrínseca à realidade, à pluralidade cultural, aos conhecimentos prévios e às situações próximas do cotidiano dos educandos, bem como está de acordo com a concepção construtivista que espera um comportamento ativo dos educandos.

2.2 A IMPORTÂNCIA DOS CONTEÚDOS PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E AUTÔNOMA

É importante que o educador entenda o seu papel enquanto mediador e saiba organizar suas práticas para que consiga assim, atingir seus objetivos. Portanto, iremos refletir sobre a relevância dos conteúdos de aprendizagem, que podem ser classificados, de acordo com Zabala (1998), como conteúdos factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais. Outrossim, compreender de que maneira estes conteúdos cooperam com a aprendizagem significativa e autônoma.

Além dos educadores considerarem os aspectos da aprendizagem significativa, citados no subcapítulo anterior, devem também compreender os processos de aprendizagem dos educandos e de que maneira devem articular as atividades que fazem parte da sua prática educativa com o objetivo que deseja alcançar.

Para auxiliar o educador a compreender melhor o que ensinar e o porquê ensinar, Zabala (1998) apresenta os conteúdos de aprendizagem que podem nortear suas práticas educativas. O termo conteúdo carrega em si a concepção do que se deve ensinar e o saber referente a certas disciplinas. A esse respeito, Zabala (1998, p. 30) apresenta claramente o conceito de conteúdo:

Devemos nos desprender desta leitura restrita do termo “conteúdo” e entendê-lo como tudo quanto se tem que aprender para alcançar determinados objetivos que não apenas abrangem as capacidades cognitivas, como também incluem as demais capacidades. Deste modo, os conteúdos de aprendizagem não se reduzem unicamente às contribuições das disciplinas ou matérias tradicionais. Portanto, também serão conteúdos de aprendizagem todos aqueles que possibilitem o desenvolvimento das capacidades motoras, afetivas, de relação interpessoal e de inserção social.

Segundo o autor José Carlos Libâneo (2001, p. 128), os conteúdos de ensino são “o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida”.

Mediante as afirmações dos autores, compreendemos a importância da conscientização de que os conteúdos que os educadores devem abordar contemplem, como já citado antes

neste trabalho, as competências e capacidades que fazem um indivíduo se desenvolver de maneira integral para atuar como um cidadão consciente de suas ações na sociedade.

Após entendermos o conceito amplo do termo conteúdo, Zabala (1998) nos apresenta uma tipologia considerada importante no processo de ensino e de aprendizagem. De acordo com o autor, os conteúdos podem ser factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais. Para cada tipo de conteúdo a ser aprendido há procedimentos adequados para ensiná-los.

Segundo Zabala (1998, p. 41) “Por conteúdos factuais se entende o conhecimento de fatos, acontecimentos, situações, dados e fenômenos concretos e singulares”. Como por exemplo, as datas, os nomes de acontecimentos da história, as equações matemáticas, as tipologias geográficas, enfim, tais conteúdos precisam ser apenas memorizados e devem se relacionar com os conteúdos conceituais.

O autor afirma que os conteúdos factuais devem ser aprendidos por meio de cópias e com exercícios verbais até este tipo de conhecimento se tornar automático, porém é necessário que haja estratégias que cooperem com a memorização, como por exemplo, realizar associações. Um ponto a salientar é que tais conteúdos precisam ser lembrados conforme o processo de aprendizagem se dá, pois são fatos facilmente esquecidos (ZABALA, 1998).

Sendo assim, podemos considerar a memória de acordo com Vigotsky (2004, p. 191):

Lembramos que, em termos psicológicos, memória significa uma relação estabelecida entre uma reação e outra. Quanto maior é o número de associações de que dispomos, tanto mais fácil se estabelece uma nova associação e, conseqüentemente, eleva-se a qualidade da nossa memória especial.

Como conteúdos conceituais, Zabala (1998, p. 42) nos diz que:

Os conceitos e os princípios são termos abstratos. Os conceitos se referem ao conjunto de fatos, objetos ou símbolos que têm características comuns [...] São exemplos de conceitos: mamífero, densidade, impressionismo, função, sujeito, romantismo, demografia, nepotismo, cidade, potência, concerto, cambalhota, etc.

Tais conhecimentos precisam ser compreendidos, pois assim o educando consegue não apenas reproduzi-lo, mas contextualizá-lo, interpretá-lo e dar sentido a sua existência. Desta

maneira, sua aprendizagem deve conter significado. Segundo Zabala (1998, p. 43), uma das maneiras de suscitar a aprendizagem, “Trata-se sempre de atividades que favoreçam a compreensão do conceito a fim de utilizá-lo para a interpretação ou o conhecimento de situações, ou para construção de outra ideia”.

Os conteúdos procedimentais segundo Zabala (1998, p. 43) “[...] é um conjunto de ações ordenadas e com um fim, quer dizer, dirigidas para a realização de um objetivo”. Para seu aprendizado ocorrer podem ser usadas técnicas, métodos, estratégias, como por exemplo, ler, desenhar, observar, colaborando assim com o desenvolvimento da autonomia do educando em seus estudos (ZABALA, 1998).

Sobre os conteúdos procedimentais, os autores Zabala e Arnau (2010) acrescentam que para efetivar sua aprendizagem é necessário aplicá-los sobre os conteúdos conceituais, para que o educando consiga atribuir significado e sentido em suas técnicas e estratégias, podendo assim relacionar esses procedimentos adaptáveis a qualquer tipo de situação.

Por fim, o autor nos apresenta os conteúdos atitudinais que podem ser definidos como valores, atitudes e normas que oferecem ao educando a reflexão necessária para a ação, análise e avaliação frente a diversas situações (ZABALA, 1998).

Quanto a sua aprendizagem, Zabala (1998, p. 48) aborda:

Em termos gerais, a aprendizagem dos conteúdos atitudinais supõe um conhecimento e uma reflexão sobre os possíveis modelos, uma análise e uma avaliação das normas, uma apropriação e elaboração do conteúdo, que implica a análise dos fatores positivos e negativos, uma tomada de posição, um envolvimento afetivo e uma revisão e avaliação da própria conduta.

A tipologia dos conteúdos de Zabala (1998) promove ao educador recursos de como organizar suas práticas educativas de maneira a atingir seu objetivo proposto, tais conteúdos devem fazer parte do planejamento de suas aulas.

Para endossar a integração dos conteúdos que Zabala (1998) descreve ser importante nas práticas educativas dos educadores, a BNCC (2017, p. 13) diz que:

[...] a BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas

complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho) [...].

Se levarmos em conta a história da educação e suas teorias ao longo do tempo, podemos observar que em determinados momentos os conteúdos factuais muitas vezes se sobrepunham aos demais conteúdos. Já em outros, priorizavam o fazer pelo fazer ligado aos conteúdos procedimentais e não atribuíam o real valor da sua relação com os conteúdos conceituais (ZABALA; ARNAU, 2010).

Sabe-se que, atualmente, a escola ainda possui uma ligação com o ensino propedêutico, haja vista as propagandas de escolas particulares que têm em seu mote os números de educandos que conseguem suas aprovações no ensino superior.

Desta forma, as escolas acabam por selecionar conteúdos que nem sempre fazem sentido para a aprendizagem do educando, conforme Zabala e Arnau (2010, p. 171) discorrem:

[...] as estratégias de aprendizagem mobilizadas não consistem na compreensão profunda dos correspondentes conteúdos, mas na utilização de recursos de aprendizagem os quais consistem em retenção, mais ou menos, mecânica e a curto prazo de enunciados ou modelos que se transformarão nas futuras provas, e para, uma vez conhecidos os resultados da prova, caso sejam positivas, esquecer rapidamente a maioria dos conhecimentos aprendidos.

De acordo com Vigotsky (2004, p. 196), “pode-se dizer sem exagero que onde os conhecimentos da escola não são orientados para a vida sempre surgem vínculos falsos e equivocados e o conhecimento, ainda que seja adquirido, continua sem ser utilizado no processo de ação”.

Para superar este tipo de ensino é que se faz necessário o que Delors (2010) propõe sobre o “aprender a conhecer” e sobre a educação ao longo da vida em companhia com o papel do educador que deve preparar o educando para a vida e não para provas, sendo assim, concordamos com Libâneo (2001, p. 47) sobre a responsabilidade do educador.

Sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política. É uma atividade fundamental social, porque contribui para a formação

cultural e científica do povo, tarefa indispensável para outras conquistas democráticas.

Compreendido o verdadeiro papel da educação, do educador e de que maneira esta educação deve se dar a fim de conseguir cidadãos conscientes de sua atuação no mundo, podemos considerar a importância de os educandos desenvolverem sua autonomia para que consigam articular suas competências e capacidades, aprendidas na escola, em situações do seu dia a dia.

Sendo assim, o “aprender a conhecer”, que subentende o aprender a aprender, ganha notável importância ao se vincular com a aprendizagem ao longo da vida e ao se relacionar com os conteúdos procedimentais.

É sabido que enquanto vivemos é possível aprender e que não é somente nos espaços escolares que se restringe a educação. Desta maneira é importante que os educadores ofereçam aos educandos o conhecimento de como eles aprendem, possibilitando o ensino de estratégias, técnicas e métodos que os auxiliarão por toda vida.

3 O HÁBITO DE ESTUDO COMO POSSIBILIDADE DO APRENDER A APRENDER

Este capítulo enfatiza que o educando deve ser um sujeito ativo frente à aprendizagem que é mediada pelos educadores. Estes devem motivá-los, por meio de situações pedagógicas favoráveis e significativas, para alcançarem o aprendizado.

Apresenta a importância de cada educando entender os procedimentos para a aquisição de seus conhecimentos e que o auxiliarão ao longo da vida.

Também aborda a importância de o educador trabalhar para o desenvolvimento da habilidade de aprender a aprender por meio de um estudo ativo. Além de discorrer sobre o saber estudar para o desenvolvimento do aprendizado que colabora para a consolidação dos conhecimentos, das habilidades e dos hábitos.

Por fim, trata das condições que favorecem o hábito de estudo apresentando alguns aspectos que podem colaborar com uma aprendizagem mais eficaz.

De acordo com a concepção construtivista, o educando tem um papel ativo, ou seja, ele deve ser o sujeito de sua aprendizagem enquanto o educador faz as devidas mediações para que esta aprendizagem seja construída. Desta maneira, Zabala (1998, p. 96) nos explicita como isso deve ocorrer:

[...] não se deve esquecer que o melhor incentivo ao interesse é experimentar que está aprendendo e que pode se aprender. A percepção de que a gente mesmo é capaz de aprender atua como requisito imprescindível para atribuir sentido a uma tarefa de aprendizagem.[...] O aluno encontrará o campo seguro num clima propício para aprender significativamente, num clima em que se valorize o trabalho que se faz, com explicações que o estimulem a continuar trabalhando, num marco de relações em que predominem a aceitação e a confiança, num clima que potencializa o interesse por empreender e continuar o processo pessoal de construção do conhecimento.

Como pudemos observar há uma satisfação em aprender e saber o porquê se aprende, quando o educando se encontrar nesta situação o educador deverá trabalhar todas as potencialidades que este cenário oferece, pois desta forma estará os incentivando a desenvolverem sua autonomia e outras habilidades.

Esta autonomia acontece quando o educando consegue por si só estabelecer ligações entre os conhecimentos que já possui com os novos conhecimentos, interiorizando vários conteúdos por meio de seus objetivos, métodos e estratégias, além de transpor seus conhecimentos escolares para o seu cotidiano, agindo de acordo com suas próprias reflexões.

A este respeito, Weisz (2009, p. 58), afirma que na concepção construtivista o conhecimento “pressupõe uma atividade, por parte de quem aprende, que organiza e integra os novos conhecimentos aos já existentes”. Sendo assim, o educando se torna cada vez mais autônomo e o educador, por se basear nesta concepção, oferece as práticas pedagógicas mais adequadas.

De acordo com Zabala (1998, p. 103), os educandos devem ser desafiados a reconhecerem seus próprios processos de aprendizagem:

Haverá que promover o trabalho independente através de situações em que possam se atualizar e utilizar autonomamente os conhecimentos construídos, assegurando a atividade construtiva do aluno e sua autonomia, a fim de que possa aprender por si mesmo.

Deve-se oportunizar o aprender a aprender, que de acordo com Zabala (1998) é a capacidade que o educando tem em saber o que se sabe e o que não se sabe, e qual ação precisa realizar para superar este obstáculo.

Segundo Zabala (1998, p. 103), “Será necessário ensinar-lhes que, quando aprendem, devem levar em conta o conteúdo de aprendizagem, assim como a maneira de organizar e atuar para aprender”. Posto isto, cabe ressaltar que é possível ensinar aos educandos a habilidade de aprender a aprender e que será a escola o local adequado para desenvolvê-la, posto que é fundamental para a aprendizagem ao longo da vida.

Para aprender a aprender, o educador deve mobilizar esforços para que seu educando reflita sobre a maneira como ele aprende, desta forma sendo regulador da própria aprendizagem. Possuir tal habilidade traz facilidade em novas aprendizagens, além de ser transferível para quaisquer situações (ZABALA; ARNAU, 2010).

De acordo com Zabala (1998, p. 98) “Aprender significa elaborar uma representação pessoal do conteúdo objeto da aprendizagem, fazê-lo seu, interiorizá-lo, integrá-lo nos próprios esquemas de conhecimento”. Quando o educando consegue aprender é importante

que consiga ter a reflexão do próprio processo de aprendizagem, ou seja, compreender quais caminhos precisou tomar para aprender.

Para Weisz (2009, p. 35) “Para aprender a aprender o aprendiz precisa dominar conhecimentos de diferentes naturezas, como a linguagens, por exemplo. Precisa ter flexibilidade e capacidade de se lançar com autonomia nos desafios da construção do conhecimento”.

Os autores abordam que tal habilidade, de aprender a aprender, se conquista com grande esforço mental dos educandos, pois devem ser desafiados a fazerem perguntas pertinentes, questionar ideias, formular argumentos, estabelecer relações entre os acontecimentos, entre outros aspectos. O educador deve então, promover atividades que façam os mesmos analisarem, criarem hipóteses, discutirem e exporem suas ideias, seus procedimentos e como chegaram à determinada solução (ZABALA, 1998).

Libâneo (2001) destaca a importância em demonstrar a clareza e os objetivos das tarefas, discutir sobre a relevância deste estudo para o dia a dia, fazer ligações com outros tipos de conhecimentos, colocar em xeque certas afirmações, dialogar, suscitar um pensamento crítico, reflexivo e criativo, além de valorizar o educando para que este cultive sua autoestima, e então ao ter consciência de sua progressão sua tendência é ter mais satisfação em buscar novos conhecimentos.

Cabe ao educador favorecer um ambiente que proporcione a construção de aprendizagens e permita ao educando a habilidade de aprender a aprender, colaborando assim com o desenvolvimento social, pessoal e profissional ao longo da sua vida.

Para desenvolver a habilidade de aprender a aprender, o educador pode utilizar alguns recursos, e vários destes recursos estão ligados ao que Libâneo (2010, p. 104) denomina de estudo ativo:

O estudo ativo consiste, pois, de atividades dos alunos nas tarefas de observação e compreensão dos fatos da vida diária ligados à matéria, no comportamento de atenção à explicação do professor, na conversação entre professor e alunos [...] Tais atividades possibilitam a assimilação de conhecimentos, habilidades e, por meio destes, o desenvolvimento das capacidades cognitivas como a percepção das coisas, o pensamento, a expressão do pensamento por palavras, o reconhecimento das propriedades e relação fatos e fenômenos da realidade.

Libâneo (2001, p. 104) afirma que a função da escola “é introduzir os alunos no domínio dos conhecimentos sistematizados, habilidades e hábitos para que, por meio deles,

desenvolvam suas capacidades mentais”. Cabe ao educando fazer uso do estudo ativo, pois assim terá melhores condições para desenvolver suas competências, capacidades e habilidade e, superar os desafios propostos pelo educador.

Libâneo (2001) é claro quanto à postura do educador frente ao estudo ativo, pois se trata de: ter o domínio do conteúdo a ser explicado para que consiga estabelecer relações de experiências vividas no cotidiano; estar sempre atualizado com o mundo ao redor; ser familiarizado com a realidade de seus educandos e possuir métodos e técnicas didáticas que ofereçam problemas que os façam pensar e criar hipóteses até que consigam solucioná-los.

A postura que Libâneo (2001) apresenta a respeito do educador, está de acordo com a concepção da autora Rosa (2002) que nos diz que a ele cabe o desafio deixar o educando protagonizar seu percurso no processo de ensino, descobrindo ao longo deste processo as melhores possibilidades pedagógicas.

Tais proposições a respeito do educando e do educador, também são concernentes com a concepção construtivista, a qual defende uma posição crítica, reflexiva e consciente, o primeiro sendo o sujeito de sua aprendizagem e o segundo, mediador dos conhecimentos.

Para Libâneo (2001), o educador não deve se preocupar em terminar o livro didático, mas conseguir que os educandos tenham profundidade nos assuntos abordados, ou seja, para tal fim é necessário um conjunto de esforços e por isso sua prática deve ser dinâmica.

De acordo com Libâneo (2001, p. 108):

Pelo estudo ativo das matérias, através da observação e da compreensão dos objetos de estudos (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, etc.), das habilidades de análise, síntese, comparação, generalização, aplicação e das explicações do professor, os alunos vão aprendendo cientificamente a realidade da natureza e da sociedade, vão desenvolvendo métodos próprios de estudo e formando atitudes e convicções para se posicionarem na vida prática. (na família, no trabalho, na política, nas relações humanas).

Por meio de um estudo ativo direcionado pelo educador, os educandos serão desafiados a desenvolverem seus próprios estudos e desta forma refletirão como aprendem. Todavia, é importante que o educador perceba o educando e a maneira como este reage às atividades, motivando-o e observando a sua progressão e sua satisfação em aprender cada vez mais (LIBÂNEO, 2001).

Em conformidade com as explanações acima e, segundo Ribeiro (2012, p. 181):

Para prender atenção dos alunos deve-se pensar primeiramente no que faz o educando aprender, e a partir daí, refletir sobre como ajudá-lo. A palavra-chave é a motivação. Ao compreender este fato, o professor deve procurar criar em sua sala um clima motivacional para seus alunos.

O educador tem grande responsabilidade nos processos de aprendizagem dos educandos e deve pensar em suas práticas pedagógicas de forma ampla para garantir que tenham todo respaldo necessário para se desenvolverem. Não basta apenas “transmitir” conhecimentos por meio de uma grande quantidade de conteúdos e sim mobilizar esforços em conjunto a fim de atingir um objetivo.

Compreendemos que para o educando garantir sua aprendizagem necessita ter papel ativo em seus estudos, entretanto, cabe ao educador direcionar os mesmos a se desenvolverem cognitivamente, socialmente, profissionalmente e até mesmo afetivamente, deve motivá-los durante todo o processo de ensino e de aprendizagem. Cabe ao educador, segundo Libâneo (2001, p. 54): “[...] proporcionar aos alunos os meios para assimilarem ativamente os conhecimentos [...] a natureza do trabalho docente é a mediação da relação cognoscitiva entre o aluno e as matérias de ensino”.

Frente à essas afirmações, “o trabalho docente somente é frutífero quando o ensino dos conhecimentos e métodos de adquirir e aplicar conhecimentos se convertem em conhecimentos, habilidades, capacidades e atitude do aluno” (LIBÂNEO, 2001, p. 105).

Considerando as funções do educador, compreendemos que o estudo é um dos meios que leva o educando a se desenvolver intelectualmente e a conhecer suas estratégias, métodos e técnicas para alcançar com mais facilidade sua aprendizagem. De acordo com Libâneo (2001, p. 104):

O estudo é a atividade cognoscitiva do aluno por meio de tarefas concretas e práticas, cuja finalidade é assimilação consciente de conhecimentos, habilidades, e hábitos sob direção do professor. A atividade cognoscitiva não pode ser considerada simplesmente como a manipulação de objetos, vivências de situações concretas, memorização de regras e fórmulas ou resolução de problemas e tarefas. Essas atividades externas somente têm relevância se, gradativamente, forem transformando-se em atividade interna, como instrumentos do pensamento.

Desta maneira, para que os estudos tenham significados para os educandos e que os façam desenvolverem e progredirem em outras aprendizagens é importante que o educador

planeje suas aulas de acordo com a realidade da escola e das situações cotidianas que estão presentes na vida dos educandos.

De acordo com Libâneo (2001), o estudo precisa estimular o educando e seu empenho acontece quando este compreende a importância do estudo, o porquê deve obter tais conhecimentos e que acima de tudo consiga perceber sua evolução ao longo do processo, pois se entusiasmará em buscar novos conhecimentos. O educador deve reconhecer este estímulo como o ponto de partida para uma aprendizagem efetiva.

Libâneo (2001, p. 108) nos diz que: “para o aluno despertar o gosto pelo estudo, é preciso estudar; para estudar, é preciso criar gosto pelo estudo”. Estamos à frente de um grande desafio, para o autor está nas mãos dos educadores incentivarem os educandos para os estudos, despertando a curiosidade, o prazer em compreender a matéria e resolverem por si os problemas com os recursos que já possuem.

Como vimos, desenvolvendo tais habilidades e nutrindo o gosto pelo estudo, o educando terá total condição, mesmo quando sair do ambiente escolar, de adquirir novos conhecimentos, fazendo valer a educação ao longo da vida, que como já vimos, é a capacidade de um indivíduo tomar consciência de suas ações no meio em que vive de maneira contínua, ou seja, saber como agir nas diversas situações a serem enfrentadas cotidianamente (DELORS, 2010).

O indivíduo deve obter na escola os recursos necessários para se desenvolver cognitivamente, socialmente, profissionalmente e afetivamente, ou seja, deve-se dar uma educação integral ao educando, para que ele saiba atuar na sociedade de modo crítico a ponto de convergir suas ações para transformar o meio que vive.

O estudo é primordial na carreira escolar, pois visa assimilar os conhecimentos e os interiorizarem, entretanto, para isso é necessário que sejam realizadas algumas atividades e que bons hábitos sejam criados para facilitar os estudos.

Para Libâneo (2001, p. 98) a consolidação dos conhecimentos, habilidades e hábitos:

[...] se obtém principalmente pelos exercícios e pela recordação da matéria onde são aplicados conhecimentos e habilidades e se cumprem os objetivos de ensino estabelecidos. Além disso, os exercícios, tarefas de casa, provas de revisão etc. são um meio insubstituível para aprimorar os conhecimentos, formar habilidades e hábitos, desenvolver o pensamento independente e criativo. Isso quer dizer que os exercícios cumprem um papel muito mais amplo do que o de simples treinamento ou memorização de regras, definições e fórmulas.

Segundo Vigotsky (2004) “não cabe ver o exercício como uma simples memória. O exercício cria antes uma predisposição para a melhor realização de alguma ação”. Ante o exposto, ambos os autores acreditam em um melhor desenvolvimento da aprendizagem por meio de atividades pedagógicas que estejam de acordo com os objetivos de ensino e que tenham significados para os educandos.

Libâneo (2001) também afirma que o ensino não termina quando o educando passou por etapas para compreensão do conteúdo, mesmo depois de exercícios de solidificação é necessário que o mesmo seja capaz de organizar todo o conhecimento adquirido, aperfeiçoá-lo e consolidá-lo para que estejam sempre disponíveis para seu devido uso em qualquer situação.

Quando consegue aperfeiçoar e consolidar as informações, a aprendizagem de fato acontece e a partir delas ampliará seus conhecimentos, mas para este objetivo ser alcançado devem passar por um processo. Segundo Libâneo (2001, p. 188): “Do mesmo modo, em paralelo com os conhecimentos e através deles, é preciso aprimorar a formação de habilidade e hábitos para a utilização independente e criadora dos conhecimentos”. O autor denomina este aspecto como a fixação da matéria.

Ao relatar sobre a fixação da matéria, Libâneo (2001) traz a reflexão de que na maioria das vezes esse processo está ligado apenas a guardar conhecimento para realização de provas dando relevância para uma repetição mecânica do conteúdo.

Por repetição mecânica segundo o autor, podemos considerar os exercícios e atividades que não necessitam do esforço mental do educando, pois apenas demanda sua memorização. Destarte, Libâneo (2001, p. 188) nos diz que:

A consolidação dos conhecimentos e da formação de habilidade e hábitos incluem os exercícios de fixação, a recapitulação da matéria, as tarefas de casa, o estudo dirigido; entretanto, dependem de que os alunos tenham compreendido bem a matéria e de que sirvam de meios para o desenvolvimento do pensamento independente, do raciocínio e da atividade mental dos alunos.

A afirmação acima concorda com os autores Zabala e Arnau (2010) já citados, ao dizer que, para que aconteça a consolidação dos conhecimentos, advindos dos conteúdos procedimentais, é essencial que os conteúdos conceituais estejam claros no pensamento dos educandos.

Ao relacionarmos que a educação acontece ao longo da vida, Delors (2010), com a Constituição Federal do Brasil de 1988 e com os aspectos de ensino e aprendizado visto até

então por diversos autores, podemos compreender que a educação escolar atinge seu objetivo quando consegue, não apenas transferir os conhecimentos aprendidos na escola para situações da vida real, como também desenvolver competências, capacidades, habilidades, hábitos, entre outros aspectos.

3.1 O SABER ESTUDAR PARA O DESENVOLVIMENTO DO APRENDIZADO

Na concepção pedagógica construtivista, a escola busca o desenvolvimento de competências, capacidades e habilidades para formar pessoas, sendo assim, é importante que a prática pedagógica auxilie favoravelmente este desenvolvimento. Para que assim, como citado no capítulo anterior, os alunos consigam assimilar os conteúdos já aprendidos com os novos, relacionando os com suas realidades.

Diante do exposto, Libâneo (2001, p. 188), apresenta:

[...] a tarefa de recordação, a sistematização, os exercícios e tarefas, devem prover ao aluno oportunidade de estabelecer relações entre o estudado e situações novas, comparar os conhecimentos obtidos com os fatos da vida real, apresentar problemas ou questões diferentes de como foram tratadas no livro didático, pôr em práticas habilidades e hábitos decorrentes do estudo da matéria.

A consolidação de conhecimento pode ser, segundo Libâneo (2001, p. 188): “reprodutiva, de generalização e criativa”. Como consolidação reprodutiva Libâneo (2001) define por se tratar de exercícios em que o educando pode pôr em prática seus conhecimentos em situações que já conhecem.

A consolidação de generalização amplia a aplicação dos conhecimentos em qualquer situação que seja nova ao educando e, tendo-os organizado “implica a integração de conhecimentos de forma que estabeleçam relações entre conceitos, analisem os fatos e fenômenos sob vários pontos de vista, façam a ligação dos conhecimentos com novas situações e fatos da prática social” (LIBÂNEO, 2001, p. 188).

Por fim, de acordo com Libâneo (2001, p. 188) “a consolidação criativa se refere a tarefas que levam ao aprimoramento do pensamento independente e criativo, na forma de trabalho independente dos educandos sobre a base das consolidações anteriores”.

É importante compreendermos que tais procedimentos de consolidação, citados acima, oferecem ao educando a oportunidade de articular seus conhecimentos em diferentes aspectos até que seja capaz de interiorizá-los e utilizá-los conforme a necessidade.

Quanto aos aspectos que Libâneo apresenta sobre a consolidação dos conhecimentos e da formação de habilidades e hábitos, podemos considerá-los como uma importante colaboração ao desenvolvimento de um dos pilares da educação, proclamado por Delors (2010), o aprender a conhecer, ou seja, o aprender a aprender.

Quando o educador participa de todo o processo de consolidação dos conhecimentos põe em prática os conteúdos procedimentais que ajudarão a desenvolver a autonomia e como organizar ou sistematizar conhecimentos.

O estudar colabora para o desenvolvimento da autonomia do educando e para fazê-lo refletir sobre como sua aprendizagem ocorre, de modo a transpô-la tanto para situações escolares como para qualquer outra situação.

Mas será que os educandos sabem estudar? Castro (2015, p. 14) critica como o estudo é abordado pelas escolas: “aprender é coisa que se aprende [...] a escola ensina muitas coisas, até assuntos demais. Contudo, não ensina a estudar, ou seja, fazer bem o que levou todos os alunos a ela”.

Do mesmo modo, Ribeiro (2012, p. 9), afirma que “saber estudar com eficiência não é algo natural, que nasce com a pessoa; é algo que se adquire”. Sendo assim, é possível observar que há necessidade de ensinar como se estuda e não apenas subentender que o educando já tenha essa habilidade.

Ao depararmos com estas afirmações, podemos refletir sobre a questão do ensino de como estudar, pois, até aqui pudemos compreender a importância que o estudo tem no desenvolvimento da habilidade do aprender a aprender do educando, conquistando cada vez mais sua autonomia. Todavia, o como se deve estudar está sendo ensinado nas escolas colaborando com a formação de um hábito, pois como vimos, estudar não é algo orgânico, mas que se deve aprender ao longo de nossa escolarização.

Castro (2015, p. 15) descreve um círculo vicioso que em suas palavras significa que: “quanto mais se estuda, menos penoso é e mais prazeroso será.”. O autor enfatiza a necessidade de o estudo ter significado para o educando, abordando assuntos de seus interesses.

Conforme à afirmação de Castro (2015) estão os aspectos que já foram destacados neste trabalho a respeito da aprendizagem significativa, cabe acrescentar que de acordo com Zabala e Arnau (2010, p. 96):

Atribui-se sentido ao que se aprende quando existe um interesse manifesto em relação aos novos conteúdos de aprendizagens; ou seja, quando esses conhecimentos são considerados necessários para responder a questões que interessam ou que melhoram o domínio das habilidades que já possui. O que em termos pedagógicos se chama motivação intrínseca, ou seja, quando a motivação está relacionada à aprendizagem por si mesma e não apenas é um meio para alcançar uma nota satisfatória na avaliação ou aprovação dos professores, dos colegas ou da família.

Sendo assim, quando o educando está inserido em um ambiente em que a aprendizagem é significativa e de seu interesse há uma motivação em aprender, o que o leva a estudar por prazer. Ao realizar os procedimentos de estudo, estará de acordo com Libâneo (2001), formando hábitos e habilidades, pois haverá neste processo a compreensão e a solidificação dos conteúdos estudados.

Buscamos evidenciar a importância da construção do hábito do estudo, pois este colabora de maneira considerável com o desenvolvimento da aprendizagem. Primeiramente, pelo fato do estudo se tornar menos penoso e mais prazeroso, de acordo com Castro (2015, p. 20): “estudar é um hábito, como qualquer outro. Depois de adquirido, tudo fica mais fácil”.

Em concordância com Castro (2015), Ribeiro (2012, p. 133) afirma que: “O desenvolvimento do hábito vai levá-lo a uma maior concentração podendo assim dedicar mais tempo ao estudo sem tanto sofrimento”.

O educador deve mostrar aos educandos a importância do hábito de estudo para que eles atinjam resultados positivos com melhor produtividade, que lhe darão melhores condições de desenvolver seus conhecimentos tanto hoje, quanto futuramente.

Para James (1912), citado por Vigotsky (2004, p. 365 e 366), “o homem é simplesmente um complexo vivo de hábitos e por isso o objetivo do professor é infundir no aluno aqueles hábitos que na vida possam posteriormente trazer proveito”.

O saber estudar é primordial para o desenvolvimento da aprendizagem, o educando deve compreender quais os melhores procedimentos que devem adotar para estudar de forma mais assertiva, sendo este um trabalho em conjunto com o educador, pois desta forma, há mais chances de consolidar seus conhecimentos adquirindo cada vez mais o hábito de estudo, além de desenvolver suas habilidades e garantir sua autonomia.

3.1.1 Condições que favorecem o hábito de estudo

Castro (2015) e Ribeiro (2012) estão de acordo que para desenvolver o hábito de estudar também é necessário criar certas condições favoráveis. Castro lista vários itens que cooperam para o estudo tornar-se um hábito.

O primeiro item a ser citado é o lugar para os estudos e tarefas de casa. “[...] é uma boa ideia criar o hábito de estudo em um mesmo lugar, de tal forma que, quando nos sentamos naquela cadeira, alguma coisa dentro de nós faz com que comecemos a estudar” (CASTRO, 2015, p. 30).

Para o autor é imprescindível o conforto físico, desta maneira, é necessário escolher uma boa cadeira, uma mesa espaçosa que comporte todo o material que deve ser usado e que estes estejam ao alcance, quando necessário. Além de contar com uma boa iluminação, bem como a organização do espaço, evitando lugares bagunçados.

Ribeiro (2012, p. 133) concorda com Castro (2015) ao citar que: “as condições físicas do aluno e as de seu ambiente de estudo devem ser favoráveis, possibilitando um trabalho atento e tranquilo para a formação do hábito de estudar”.

Castro também propõe que as novas gerações, associadas ao termo multitarefas, ou seja, faz tudo ao mesmo tempo, deixem de lado tal prática. Diante disto, Castro (2015, p. 25) afirma que “a formação, sendo mais profunda é difícil, exige concentração”. Devemos deixar de lado tudo que compromete nossa concentração. Nos dias atuais a tecnologia rouba o tempo de muitas pessoas, principalmente as mídias sociais e jogos, por isso, em momentos de estudo é melhor evitar ficar perto dos aparelhos eletrônicos ou de qualquer outra distração.

Castro (2015) diz que é necessário administrar os sons que estão ao redor do espaço de estudo, cada pessoa, de acordo com sua habilidade, precisará de mais ou menos silêncio. Todavia, afirma que se for para estudar escutando músicas, que estas sejam com melodias calmas e instrumentais, bem como ficar atento ao tipo de esforço mental que será necessário fazer, pois, quanto mais um assunto for novo ou difícil, mais concentração será requisitada.

Segundo o autor, é importante não interromper o momento de estudos que necessitam de mais esforço mental, “para os temas difíceis é preciso blindar blocos de tempo, sem interrupções.” (CASTRO, 2015, p. 28). Ao estudar tais temas é viável separar um momento em que provavelmente, nada e ninguém possa atrapalhar.

Sendo assim, determinar a hora de estudo é um fator importante, porém, cada indivíduo possui o seu ritmo. Alguns se sentem mais produtivos no período da manhã

enquanto outros, no vespertino ou noturno. Cabe a cada um conhecer seu próprio ritmo e adaptar suas atividades a ele.

Não significa que os itens que Castro (2015) nos apresenta são inflexíveis e devem ser seguidos à risca para fazer do estudo um hábito, mas podem servir de norteadores para que os docentes auxiliem os educandos no processo do estudo individual, bem como a descobrirem, por si mesmos, qual a melhor maneira de estudar.

Castro (2015, p. 34), ao propor sugestões para aperfeiçoar o estudo, faz menção sobre a necessidade de usar o tempo a favor. “Organizar o tempo é tão importante quanto qualquer outro tipo de providência para aprender mais”. Listar as atividades que precisam ser feitas também coopera com a organização pessoal.

De acordo com o autor, a disciplina é algo que se constrói, deste modo, ela também é um hábito que deve ser fomentado. Ter disciplina nos estudos requer esforço, porém, uma das premissas que o autor destaca como motivação para o estudo é a compreensão do conteúdo. Para Castro (2015, p. 15), “se você estuda e entende, acaba gostando do que aprende”.

O prazer em superar um desafio, ou seja, a compreensão de um estudo torna-se motivante para outros posteriores, de acordo com isto é de suma importância que o educando não tenha o costume de faltar às aulas, pois em algum momento ao se deparar com alguns conteúdos terá mais dificuldade em aprender.

Segundo Ribeiro (2012, p. 121), “prestando atenção às explicações do professor, você terá andado metade do caminho para fixar a matéria. Caso contrário, você terá que estudar em casa duas vezes mais”. Ter presença na sala de aula é fundamental para facilitar a aprendizagem e o educando deve ter esta consciência. Todavia, é necessário que, durante as aulas, a compreensão aconteça de fato. Conforme o exposto, Libâneo (2001, p. 111) nos diz que, “muitas vezes são dados exercícios e tarefas sem que os alunos tenham assimilado solidamente a matéria. Ou sem que a matéria tenha sido explicada com clareza. Com isso, os alunos não dão conta de resolver os exercícios, frustram-se e desanimam”.

Há vários aspectos que colaboram com a criação do hábito de estudo, por isso a escola, em conjunto com a família, deve estar atenta, dando auxílio e suporte aos educandos.

Como vimos o estudar também deve ser ensinado. Existem muitos estudiosos e pesquisas que apresentam diversas maneiras para aprender melhor e com mais eficácia. Destacaremos, neste trabalho, algumas abordagens que podem auxiliar nos estudos, além das que já foram abordadas.

4 ESTRATÉGIAS DE ESTUDOS

Este capítulo apresenta algumas estratégias de estudos que colaboram para o desenvolvimento da autonomia e para a construção da aprendizagem. Além disso, contribuem para o desenvolvimento da habilidade de aprender a aprender.

Dentre várias estratégias de estudos disponíveis atualmente, são apresentadas, neste capítulo, o mapa mental, as pesquisas e fontes de informações no meio digital, a leitura, a revisão e outras abordagens que podem promover mais qualidade nos estudos.

4.1 MAPA MENTAL

Segundo Buzan (2009, p. 10) “os Mapas Mentais são um método de armazenar, organizar e priorizar informações (em geral no papel), usando Palavras-chave e Imagens-chave, que desencadeiam lembranças específicas e estimulam novas reflexões e ideias”.

Para compreendermos melhor os mapas mentais, Buzan (2009) afirma que é necessário conhecer como o cérebro organiza as informações. Segundo o autor, há cinco funções principais nos quais o cérebro trabalha.

- Na recepção de informações que são recebidas através dos sentidos.
- No armazenamento de informações e o acesso a elas quando queremos.
- Na análise das informações, reconhecendo os padrões e dando significado a elas.
- No controle de como gerenciar as informações dependendo de vários contextos.
- Na expressão das informações de várias formas, como fala, desenho, entre outras.

Buzan (2009, p. 17) afirma que, “um Mapa Mental é projetado para utilizar todas essas habilidades do cérebro, auxiliando-o no armazenamento e na recuperação de informações com mais eficiência, sempre que isso for exigido”.

Por ter tais características é que a utilização de mapas mentais na educação oferece bons resultados, transformando o estudo em um momento mais prazeroso. Para o autor, tal procedimento quanto mais cedo é ensinado, melhor. “As crianças são, por natureza, criadoras de Mapas Mentais. Elas amam fazer desenhos, brincar com letras, usar destaques, símbolos e

cores – sem mencionar adesivos – quando estão escrevendo, desenhando ou se comunicando” (BUZAN, 2009, p. 77).

O educador pode unir essa natureza criadora dos educandos com seus objetivos de aula. Utilizar palavras-chave ou imagens-chave para formar um Mapa Mental, colabora no processo de reter e de lembrar informações (BUZAN, 2009).

Além dos mapas mentais contribuírem como estratégia de ensino, também podem ser um grande aliado dos alunos para o estudo para as provas. São eficazes ao tratar da revisão das matérias, “[...] pois permitem que o estudante concentre tudo o que sabe - e tudo que precisa saber – em uma única referência visual” (BUZAN, 2009, p. 78).

Um dos métodos que o autor propõe é construir um mapa mental sem nenhuma consulta e posteriormente, compará-lo com o mapa mental original verificando os conhecimentos que já adquiriu focando, em outro momento, o que deixou de lembrar.

Para Castro (2015, p. 77) “os desenhos e mapas mentais permitem a percepção de vários elementos que compõem o todo, com seus desdobramentos e relações, tirando proveito do fato de que a mente humana lida de forma muito mais eficiente com elementos organizados visualmente”.

Os mapas mentais são aconselhados como apoio para os estudos, pois o próprio educando, ao realizar os seus, terá que refletir sobre o conteúdo e organizá-lo de uma maneira que compreenda, desta forma estará estudando de maneira ativa.

De acordo com Castro (2015, p. 77) “[...] começamos com uma ideia maior, grafada no centro do mapa mental. É em torno dela que se vão estruturar todas as outras. Remexendo a organização do mapa. Essas ideias irão, progressivamente, ganhando ordem e sentido.”

Para compreendermos melhor como se desenvolve um mapa mental, Buzan (2009, p. 36, 37) resume as regras que devem ser seguidas para sua elaboração e que será transcrita no quadro abaixo.

Quadro 1 – Regras para elaboração de um mapa mental.

Técnicas
I. Destaque Use sempre: • Uma imagem central - para estabelecer um foco. • Imagens - para coordenar os dois lados do cérebro. • Três ou mais cores por imagem central - para estimular a memória e a criatividade. • Perspectiva nas imagens e palavras - para fazer com que os elementos sobressaíssem.

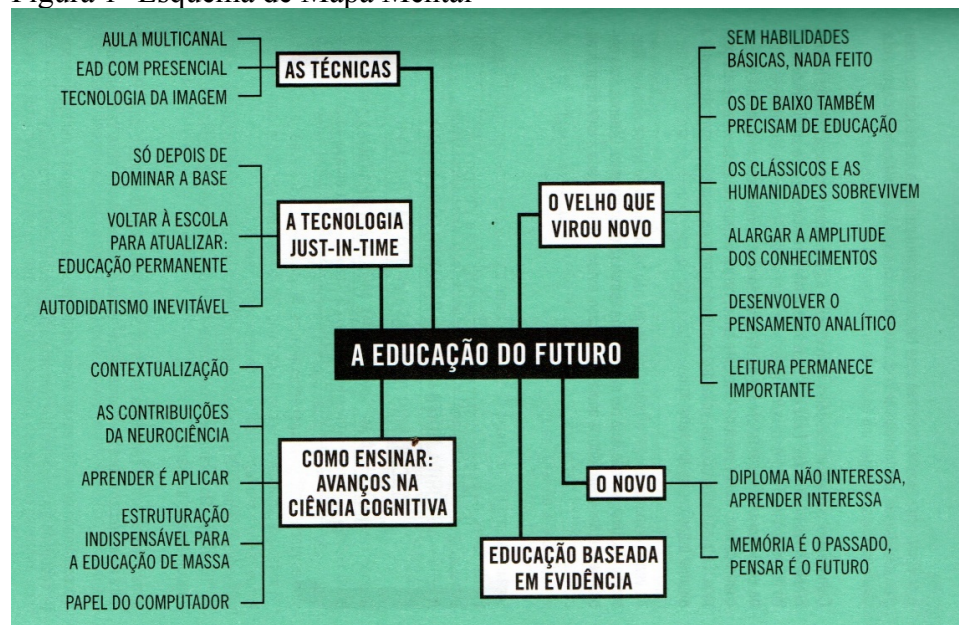
• Uma mistura dos sentidos: visão, audição, olfato, tato, paladar, percepção espacial - para tornar o dado real e mais fácil de memorizar. • Variações no tamanho das letras, linhas e imagens – Para distinguir diversos níveis de importância. • Espaço organizado - para manter as linhas ordenadas e atrativas e para permitir acréscimos. • Espaçamento adequado - em torno de cada palavra ou imagem.
2. Faça associações Use sempre. • Setas - para guiar o olho quando você quiser fazer conexões. • Cores para melhorar a memória, intensificar a criatividade e resgatar mais lembranças. • Códigos - como asteriscos, cruzeiros, triângulos e sublinhados, que podem funcionar como atalhos, criando associações por todo o Mapa Mental.
3. Seja claro • Use apenas uma Palavra-chave por linha. • Escreva todas as palavras em letra de forma. • Escreva as Palavras-chave em letra de forma sobre as linhas. • Faça com que a linha tenha o mesmo comprimento da palavra. • Faça com que ramificações maiores se liguem à imagem central. • Conecte linhas a outras linhas. • Faça as linhas centrais mais grossas do que as outras. • Desenhe as imagens com clareza. • Mantenha o papel posicionado horizontalmente à sua frente. • Mantenha as letras retas.
4. Desenvolva um estilo pessoal Será mais fácil lembrar e estabelecer relações usando itens que você mesmo tenha criado.
Desenho
1. Use hierarquia Fazer distinções entre níveis de importância ajudará o cérebro a se lembrar dos fatos essenciais.
2. Empregue uma ordem numérica Ordenar as ideias o auxiliará a priorizar as ações.

Fonte: Buzan, 2019, p. 36, 37.

Estas são as normas que Buzan nos oferece para nortear a elaboração de um mapa mental. Evidentemente, cabe ao educador adaptar tais orientações para a necessidade da turma. O mapa mental é um procedimento que precisa ser ensinado, pois ele pode se tornar um instrumento usado para qualquer situação e não apenas para os estudos, como também para um projeto de vida.

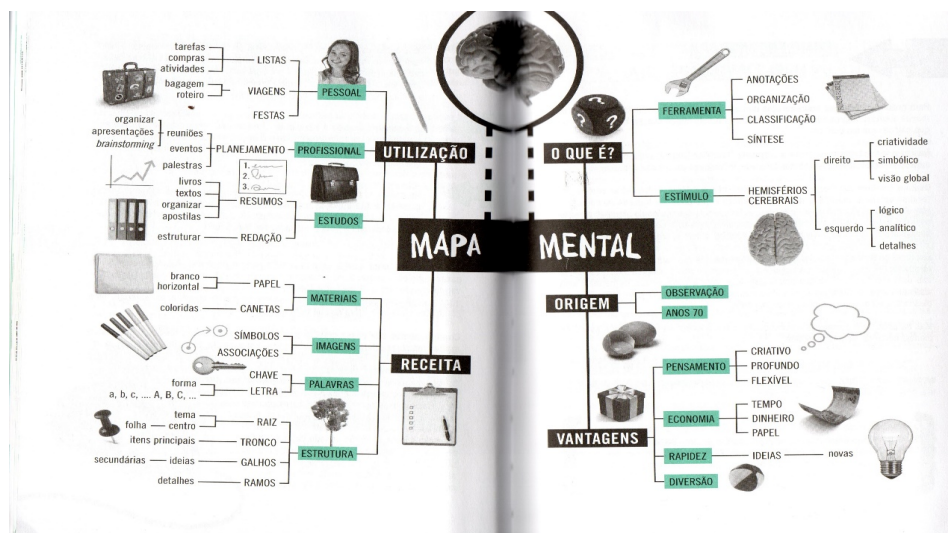
Abaixo, podemos observar dois exemplos de mapas mentais retirados do livro “Você sabe estudar?” do autor Claudio de Moura Castro, representados pelas figuras 1 e 2 e que serão utilizados como ilustração do que seja um mapa mental.

Figura 1- Esquema de Mapa Mental



Fonte: Castro, 2015 p. 83.

Figura 2 - Esquema de Mapa Mental



Fonte: Castro, 2015 p. 88,89.

As figuras apresentam exemplos de mapas mentais construídos por Castro (2015). Um mapa mental sempre fará sentido para seu autor, pois a organização do conteúdo, as palavras-chave escolhidas, as imagens, as informações que decide ocultar ou inserir farão parte do seu processo criativo e compreensivo.

4.2 PESQUISAS E FONTES DE INFORMAÇÕES NO MEIO DIGITAL

A escola deve preparar os educandos para a vida em sociedade, sendo assim, o ensino e a aprendizagem no espaço escolar devem transcender os muros das escolas, por este motivo nem sempre as respostas para as inquietações estarão prontas. De acordo com Castro (2015, p. 98) “buscar respostas que não foram previamente empacotadas é uma das atividades mais úteis para nossas vidas após sairmos da escola”.

Lucena (2000, p. 119), expõe que: “deve-se enfatizar o “aprender a aprender” no sentido de ser uma atividade vitalícia, que ocorrerá, na maioria das vezes fora de uma instituição tradicional de ensino. É importante gerar ambientes nos quais a aprendizagem seja ativamente encorajada e facilitada”. Em meio às habilidades de aprender a aprender e a procura por respostas para todas as inquietações e curiosidades, a internet atua como uma ferramenta de pesquisa por meio dos *sites* de buscas, mídias sociais, *blogs*. Por ser de fácil acesso acaba se tornando um ambiente que facilita a aprendizagem. Todavia, a questão é como saberemos a veracidade de um turbilhão de informações que nos cercam a todo o momento no mundo digital?

Este é um ponto que deve ser ensinado nas escolas. Desta forma, o educador deve realizar pesquisas na internet com seus educandos, abordar fontes que merecem credibilidade e dar instruções para que a pesquisa seja realizada de modo que apresente bons fundamentos. Sendo assim, Bastos (2008, p. 49) nos diz que:

É possível realizar pesquisas na internet utilizando programas de navegação para localizar informações e ferramentas de busca, que possibilitam refinar os resultados sobre um determinado assunto. Se, por um lado, a quantidade de informação disponível na Internet representa um enorme avanço na democratização de acesso, por outro, ela cria a necessidade de separar o que é de interesse, de qualidade e de confiança.

Frente a este cenário Castro (2015), afirma que é tão preocupante não ter a capacidade de selecionar a informação verdadeira quanto não saber pesquisar o que é preciso. Por mais que atualmente os educandos vivam em um mundo digital, nem sempre sabem ter um comportamento crítico neste espaço.

A fim de colaborar com esta criticidade, o autor declara que é necessário identificar a origem das informações, pesquisar quem são os autores, se possuem credibilidade nos assuntos abordados, se há fatos comprovando as informações e o que há a perder caso a informação for falsa.

As pessoas que não possuem um “filtro” de informações, consequentemente serão facilmente enganadas. Não podemos acreditar em tudo que lemos, por isso, desenvolver o senso crítico é fundamental para a capacidade de averiguar informações.

4.3 LEITURA

A leitura acompanha a maior parte de nossa trajetória escolar e é a fonte de diversos tipos de conhecimentos. É por meio dela que podemos exercer a educação ao longo de nossa vida.

A autora Isabel Solé (1998), concorda com a teoria de Ausubel, já citado neste trabalho, a respeito da aprendizagem significativa abordada pela concepção construtivista. Nas palavras de Solé (1998, p. 45 - 46), quando fazemos conexões dos conteúdos aprendidos “nosso conhecimento anterior sofreu uma reorganização com outros conceitos, tornou-se mais completo e mais complexo, permite-nos relacioná-los a novos conceitos, e por isso podemos dizer que aprendemos. [...] Quando um leitor compreende o que lê, está aprendendo; à medida que sua leitura o informa, permite que se aproxime do mundo de significados de um autor e lhe oferece novas perspectivas ou opiniões sobre determinados aspectos..., etc.”.

A leitura compreensiva contribui para a assimilação de novas informações partindo dos conhecimentos já existentes, desta forma, estamos aprendendo à medida que lemos em qualquer momento e sobre qualquer informação que seja de nosso interesse.

O ato de ler com competência deve ser ensinado aos educandos, para que consigam construir cada vez mais conhecimentos ao longo de sua vida. Solé (1998, p. 65) afirma que:

Aprender a ler não é muito diferente de aprender outros procedimentos ou conceitos. Exige que a criança possa dar sentido àquilo que se pede que ela faça, que disponha de instrumentos cognitivos para fazê-lo e que tenha ao seu alcance a ajuda insubstituível do seu professor, que pode transformar em um desafio apaixonante o que para muitos é um caminho duro e cheio de obstáculos.

A leitura, principalmente no Ensino Fundamental, tem como finalidades a aquisição de informações e servir de base para a aprendizagem.

De acordo com Solé (1998), existem objetivos de leitura que auxiliam na compreensão da mesma: ler para obter uma informação precisa; ler para seguir instruções; ler para obter uma informação de caráter geral; ler para aprender; ler para revisar um próprio escrito; ler por prazer; ler para comunicar um texto a um auditório; ler para praticar a leitura em voz alta e ler para verificar o que se compreendeu.

Para Ribeiro (2012, p. 147), “podemos tentar conceituar o ato de ler como a capacidade de atribuir diretamente um sentido a algo escrito. Tal sentido é composto pelo que está literalmente escrito e pela nossa história de vida, que influencia na interpretação que damos ao que lemos”.

De acordo com a citação, “saber ler” não é suficiente e sim “saber ler bem” faz a diferença para os estudos e para as práticas sociais do cotidiano. Compreender o que se lê é fundamental.

Para que essa compreensão da leitura ocorra a fim de facilitar o estudo, podemos tomar certas atitudes no ato de ler, de acordo com Ribeiro (2012, p. 113) “Uma boa ideia é elaborar perguntas prévias sobre o que vai estudar e ir procurando as respostas no texto durante sua leitura [...]”.

Consolidando com Ribeiro (2012), Solé (1998, p. 110), afirma que:

Quando os alunos formulam perguntas pertinentes sobre o texto, não só estão utilizando o seu conhecimento prévio sobre o seu tema, mas também, - talvez sem terem essa intenção - conscientizam-se do que sabem e do que não sabem sobre esse assunto. Além do mais, assim adquirem objetivos próprios, para os quais tem sentido o ato de ler.

Assim sendo, a leitura torna-se ativa e requer ação por parte do leitor, pois necessita um esforço mental, uma conversa entre leitor e autor gerando uma melhor compreensão do que se está lendo. Castro (2015, p. 66) exemplifica:

Suponha que você está lendo sobre D. João VI e sua vinda para o Brasil. Ao fluir das páginas, vá formulando suas perguntas. Ele tinha a opção de ficar em Lisboa? Que preparo tinha seu exército? Como estavam as tropas de Napoleão? Por que o embarque foi tão improvisado? Ele era realmente uma pessoa tão indecisa quanto afirmado por alguns historiadores? Quando Laurentino Gomes afirma que, no fundo D. João era mais sabido do que se pensa, será que ele tem razão?

Castro (2015) indica uma leitura de inspeção, onde o leitor deve se atentar ao título, prefácio, sumário, bibliografia, capa, orelhas e capítulos mais importantes, pois desta forma terá uma visão geral do conteúdo.

Do mesmo modo que Castro (2015), Ribeiro (2012) cita a primeira etapa de leitura como antecipação do texto de uma forma global, ou seja, observar o título, a introdução, a conclusão. Solé (1998) corrobora com Castro (2015) e Ribeiro (2012) ao estabelecer previsões sobre o texto. Os autores propõem a observação de alguns detalhes que podem antecipar a leitura, como metáfora, podemos dizer que seria a preparação da terra para receber a semente.

Castro (2015, p. 67) indica uma primeira leitura completa que dá o nome de “leitura analítica”, onde se deve ler o livro todo ou as partes mais importantes sem interrupções, pois assim em uma próxima leitura será mais fácil à compreensão.

Para Ribeiro (2012) a leitura de um texto requer sua leitura na íntegra para a compreensão global. Também sugere uma leitura analítica que diz respeito a considerar os detalhes do texto. Nesta fase, o leitor deve ser capaz de discernir as informações mais relevantes, além disso, o autor ressalta a importância do uso de anotações, setas, grifos, entre outros. Desta forma, Ribeiro (2012, p. 115) exemplifica esta etapa da seguinte maneira:

[...] Leia todo tópico procurando descobrir os conceitos e as informações mais relevantes; em seguida procure elucidar a informação principal de cada parágrafo, pois normalmente em cada parágrafo o autor desenvolve uma ideia ou um conceito; busque um título no parágrafo, curto e objetivo que sintetize a ideia nele contida – escreva na margem -, isso facilitará o repasse das ideias.

Por fim, Ribeiro propõe a elaboração de uma síntese, a qual deve ser feita pelo leitor após as etapas anteriores, considerando o que é fundamental para a compreensão do texto e excluindo o excesso de informações. Neste processo, o estudante pode usar mapas mentais, diagramas, entre outros recursos.

Para Solé (1998) o resumo é essencial para compreender a ideia principal de um texto e identificar informações secundárias, assim os educandos devem compreender a importância do resumo e os educadores devem ensinar como fazer.

Ao se tratar de síntese, o uso de resumos para Ribeiro (2012, p. 118): “É uma excelente forma de estudo, por ser uma síntese do texto organizada de forma simples e concisa, com as próprias palavras dos estudantes. Um resumo só deve ser feito após a compreensão do texto [...]”.

Cabe ao educando desenvolver as etapas proposta por Ribeiro (2012), assim, o conteúdo estudado será processado de diversas maneiras para uma maior compreensão.

Para Castro (2015, p. 72) a associação do texto com outros conhecimentos do leitor tem a ver com a capacidade de comparação de textos. Para ele, “a leitura comparativa consiste em confrontar o que está no livro com o mundo intelectual que lida com assuntos iguais ou parecidos. É a fase mais criativa, e certamente, a mais difícil”.

4.4 REVISÃO

Não basta apenas dedicarmos um tempo aos estudos focando em novas aprendizagens, fazer revisão do que foi estudado é de extrema importância para fixar em nossa mente os conteúdos mais importantes. Como afirma Castro (2015, p. 147) “O grande desafio da aprendizagem é transferir a informação importante que está na memória de curto prazo para longo prazo”.

À vista disso, Ribeiro (2012, p. 119) dispõe de alguns tópicos que poderão nortear a revisão dos estudos:

- Ao término do estudo, revise tudo a partir do esquema que você anotou.
- Use seus esquemas sempre que possível para relembrar os conteúdos já estudados.
- Comece sua sessão de estudos revisando o que estudou antes.
- Repasse os pontos dos esquemas que montou toda semana, a cada mês e a cada três meses.
- Revise seus esquemas às vésperas de provas.
- Ler os esquemas antes de dormir facilita a memorização.

À vista disso, é possível observar que ao seguir as recomendações de Ribeiro (2012) supracitadas, haverá um esforço em fixar as informações mais relevantes por mais tempo em nossa mente.

Castro (2015, p. 149) diz que uma das técnicas que deve ser usada para transformar a memória de curto prazo para a memória de longo prazo é a repetição:

[...] E, para que realmente o conteúdo aprendido não se perca em algum cantinho da memória, é preciso dar à nossa cabeça muitas oportunidades de revê-lo, cada vez adquirindo um conhecimento mais sólido e durável. O mesmo tempo que nos faz esquecer é também o segredo da nossa longevidade do conhecimento, pois sem esse vai e vem sucessivo o aprendido não se transforma em um conhecimento permanente.

Todavia, Castro (2015) afirma que as repetições devem ser feitas de modo ativo, apenas ler e reler não é suficiente. Para o autor, as notas, resumos e esquemas devem ficar fora do alcance em algum momento do estudo para que o estudante possa escrever sobre tudo que conseguir lembrar sobre o conteúdo estudado, até mesmo responder perguntas ou tentar resolver alguma situação prática utilizando o que foi aprendido.

Ao repetir de modo ativo os conhecimentos, torna-se possível verificar qualquer tipo de erro, e sendo assim, Castro (2015, p. 127) afirma que “começamos a descobrir que aprendemos mais com o erro do que com o acerto”.

Ou seja, o erro faz parte do processo de aprendizado e não deve ser visto como uma falha, mas sim como uma oportunidade de garantir a aprendizagem de forma mais efetiva, pois segundo Castro (2015), quando acertamos algum questionamento subentendemos que já possuímos tal conhecimento e muitas vezes não temos a real proporção se este acerto advém de uma aprendizagem efetiva.

Entretanto, o autor cita que ao errarmos podemos questionar o erro, procurar a sua correta solução e compreendê-lo. Para Castro (2015, p. 129) “resumindo, há muito mais aprendizado em um erro seguido de correção do que em um acerto inicial, que nos dá uma falsa sensação de que aprendemos – o que pode não ser o caso”.

Para Ribeiro (2012), ensinar alguém sobre algo que aprendemos trata-se de uma boa estratégia de revisão, pois para poder ensinar é necessário que todo o conteúdo aprendido seja organizado didaticamente a fim de ser assimilado pelo outro. Ribeiro (2012, p. 180) afirma que “esse exercício trará grandes benefícios, pois tornará a memorização do conteúdo um

processo quase natural e fará com que consiga transmitir o aprendizado com suas próprias palavras”.

Outro ponto a destacar é que não se deve apenas estudar nas vésperas de provas, Ribeiro (2012) afirma que é melhor que o educando faça uma programação onde poderá fazer suas revisões todos os dias, pois deste modo o educando saberá qual o ponto que precisa rever melhor e qual ponto já possui um aprendizado suficiente.

De acordo com Zabala e Arnau (2010, p. 171), quando o estudo acontece apenas para a realização de provas:

[...] as estratégias de aprendizagem mobilizadas não consistem na compreensão profunda dos correspondentes conteúdos, mas na utilização de recursos de aprendizagem os quais consistem na retenção, mais ou menos, mecânica e a curto prazo de enunciados ou modelos que se transformarão nas futuras provas, e para, uma vez conhecido os resultados da prova, caso sejam positivas, esquecer rapidamente a maioria dos conhecimentos aprendidos.

Por conseguinte, e conforme tratamos ao longo do trabalho, compreendemos que o aprender a aprender colabora com uma aprendizagem ativa que é intrínseca à educação ao longo da vida, além de facilitar os estudos e desenvolver a autonomia dos educandos. Ou seja, as estratégias, técnicas ou métodos que utilizam para aprender passam a ajudá-los por toda a vida, tanto em sua vida escolar como social e profissional.

Cabe ao educador ensinar os conteúdos procedimentais e desenvolver junto aos educandos, o hábito de estudar para que os conhecimentos adquiridos não se dissipem ao longo da jornada escolar, dificultando o estudo e tirando o prazer de obter novos conhecimentos.

4.5 OUTRAS ABORDAGENS

Sabe-se que muitos estudiosos pesquisam sobre os melhores métodos de estudo, todavia, cabe ao educador ter ciência desses métodos e adaptá-los à faixa-etária ao qual desenvolve sua prática pedagógica. Quanto mais cedo iniciar o trabalho para o

desenvolvimento do hábito de estudar, melhor, portanto, deve motivar os educandos, juntamente com os pais que também exercem um papel importante nos estudos de seus filhos.

O autor Ribeiro (2012, p. 164) considera importante que os pais também orientem o processo de estudo:

Não se esqueça de que se aprende melhor num ambiente onde há harmonia emocional. Um lar onde exista estabilidade afetiva, onde os filhos sintam-se acolhidos recebendo atenção, carinho, apoio moral e uma postura de escuta por parte de seus pais gerará um equilíbrio emocional no estudante, além de um sentimento de confiança que serão fundamentais como alicerce psicológico para o surgimento de uma motivação consistente e a criação de um projeto pessoal de vida. Os estudos entrarão como elemento necessário para atingir metas.

É significativa a participação dos pais nos estudos de seus filhos, pois devem motivá-los a estudar, se mostrarem interessados no rendimento escolar de seus filhos, devem comparecer às reuniões e colaborar com a construção do hábito de estudo (RIBEIRO, 2012).

Além da colaboração dos pais é importante que o educando se organize para os estudos, para isso, Ribeiro (2012) sugere a elaboração de um mapa em que serão distribuídas as disciplinas que irá estudar em determinado tempo, ou seja, se ele estuda no período da manhã, deverá estudar à tarde, distribuindo as matérias dadas no dia e dividindo as mesmas pelo tanto de horas que tem disponível. O importante é estudar um pouco de todos os conteúdos, todos os dias.

Cumprir os horários de estudos estipulados também faz parte da construção do hábito de estudar, Ribeiro (2012, p. 16) afirma que “[...] o fato de uma atividade ter hora para começar e terminar nos facilita a concentração”. O autor também diz que ao terminar os estudos o educando deve fazer algo prazeroso.

Segue abaixo algumas orientações que Ribeiro (2012, p. 18) lista para um estudo mais proveitoso:

- Colocar no mapa de estudo todas as atividades que já são habituais e que obedecem a um horário. Ex.: almoço, jantar, inglês, computação, ginástica etc.
- Especificar o horário de aulas do colégio.
- Reservar pelo menos quatro horas de estudos diários.
- Procurar estudar as matérias dadas pelo professor o mais cedo possível, após a aula.
- Fazer um intervalo de dez minutos a cada cinquenta minutos de estudos.

- Estudar primeiramente as matérias mais difíceis.
- Ao estudar uma matéria, centre sua atenção nela e esqueça por completo as demais.
- Não esperar sentir vontade para estudar na hora marcada.
- Só terminar de estudar quando esgotar o tempo estabelecido, mesmo que aparentemente tenha aprendido tudo.
- Seguir o plano de estudo até forma um hábito.
- Não estudar em sequência as matérias com raciocínio semelhante.
- Procurar estudar alternadamente matérias onde você tenha maior e menor dificuldade.
- Utilizar o domingo como dia de descanso; no máximo usá-lo para leitura ou para produzir uma redação.

Outro ponto que Ribeiro (2012) destaca é a capacidade de se concentrar, pois a concentração garante um aprendizado mais efetivo além de melhorar a capacidade de recordar a matéria estudada.

As atitudes dos educandos frente aos estudos também podem facilitar sua compreensão, uma autoestima desenvolvida positivamente garante mais confiança no processo, é importante que ele confie em si mesmo e saiba que é capaz de aprender (RIBEIRO, 2012).

Ao final do capítulo consideramos que as estratégias de estudos podem e devem ser trabalhadas na escola com os educandos. Cabe ao educador selecionar as mais adequadas para os conteúdos e para a realidade de sua turma.

O conhecimento de estratégias de estudos, por parte dos educadores, contribui para o desenvolvimento da autonomia dos educandos com relação ao aprender a aprender.

5 AFINAL, COMO OS EDUCANDOS DE 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ESTUDAM?

Após a pesquisa bibliográfica para a fundamentação do objeto de pesquisa “o estudo e a aprendizagem para o desenvolvimento da autonomia dos educandos”, optou-se por fazer uma pesquisa de levantamento para conhecer esta realidade.

A escola pode ensinar os educandos a estudar e contribuir para a criação do hábito de estudos que colabora, positivamente, para o desenvolvimento da pessoa em sua trajetória tanto escolar, quanto profissional ou social.

Entendemos que para o educando: “É necessário que se desenvolva um hábito de estudo que lhe levará a concentrar-se mais, tornando o conteúdo estudado mais fácil de ser aprendido e o tempo de estudo mais eficaz” (RIBEIRO, 2012, p. 15).

As ações para desenvolver o hábito de estudo, bem como o ensino de estratégias de estudos podem passar despercebidas pela escola, ao confiar aos pais e ou responsáveis, tal tarefa. Muitos educandos deixam os estudos apenas para o dia anterior de suas provas, o que se torna cansativo e menos eficiente para uma efetiva aprendizagem. De acordo com Ribeiro (2012, p. 15) “A prática mais corrente consiste em ir acumulando tudo e estudar próximo às provas. Dependendo do aluno, isso talvez seja o suficiente para passar de ano, mas não o será para produzir a fixação adequada do conteúdo e este esquecido pouco tempo após as provas”.

Para atingir nosso objetivo e responder à pergunta que gerou o título deste capítulo, apresentaremos um breve contexto da escola escolhida, os instrumentos utilizados para a coleta de informações e análise dos dados coletados.

5.1 O CONTEXTO DA ESCOLA E OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A escola escolhida é da rede municipal da cidade de Ibitinga e será denominada Escola Municipal Tropical.

A escolha desta unidade escolar se deu pelo fato de estar localizada perto da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga - FAIBI e assim, facilitar o contato com a equipe gestora, educadores e educandos, bem como ser uma escola que possui apenas uma sala de 5º

Ano. Com relação ao Ano (5º) escolhido, justifica-se pelo fato de que os educandos apresentam maior autonomia na leitura e na escrita para ler e responder ao questionário.

Nosso objetivo é conhecer como os educandos de 5º Ano desenvolvem as tarefas de casa, como estudam para as provas, bem como conhecer o trabalho da educadora voltado para estes aspectos.

A Escola Municipal Tropical está localizada próxima ao centro de Ibatinga, seu público vem dos bairros subjacentes que fazem uso do transporte escolar, porém, amplia seu público devido à procura pela Educação de Jovens e Adultos no período noturno.

De acordo com o Plano de Gestão da Escola² a unidade escolar oferece as modalidades Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Finais) e Educação de Jovens e Adultos (Anos Iniciais e Finais). É pública municipal.

A situação socioeconômica e educacional da comunidade condiz com a realidade da cidade de Ibatinga, que tem como base econômica o bordado. O turismo comercial dos produtos têxteis é uma das principais fontes de renda, assim como exportações no setor de agropecuária com destaque às culturas de laranja e cana de açúcar.

A Escola Municipal Tropical, de acordo com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB de 2017 tem como nota para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental 5,96 sendo que a meta prevista era de 5,6, portanto, a escola tem uma avaliação positiva.

Compreendemos que ao realizar esta pesquisa podemos levantar alguns dados que sejam importantes para a Escola Tropical como conhecer melhor seus educandos, ao se tratar sobre o estudo ativo como meio da busca da autonomia, assim, a escola pode refletir sobre suas práticas referentes a este tema.

Para a pesquisa, o questionário foi utilizado como instrumento para coletar informações tanto dos educandos do 5º Ano, referentes à maneira como realizam as tarefas de casa e como estudam, bem como para coletar informações da educadora da referida turma.

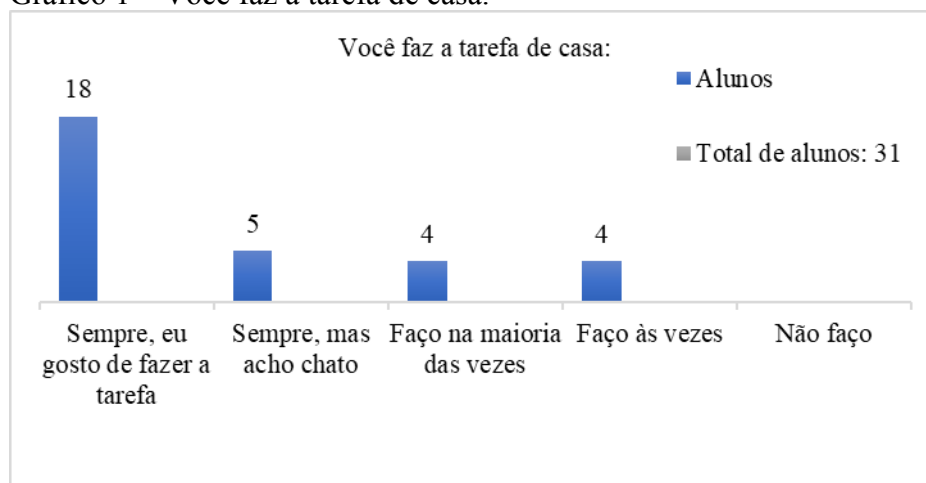
² As informações para contextualizar a escola foram retiradas do documento Plano de Gestão da Escola (2019-2022), fornecido pelo responsável da secretaria da escola.

5.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS EDUCANDOS

Os gráficos abaixo nos mostram as respostas dos questionários aplicados aos trinta e um educandos do 5º Ano da Escola Tropical.

Na primeira questão, ao perguntar sobre a frequência que fazem a tarefa de casa temos o seguinte resultado:

Gráfico 1 – Você faz a tarefa de casa.



Fonte: Elaborado pelo Autor (2019).

Como podemos perceber 74,19% dos educandos acabam sempre realizando as tarefas dadas, mesmo com 21,73% deste total relatando que acham chato realizá-las. Podemos assim considerar um resultado positivo, pois mais da metade está sempre fazendo as tarefas.

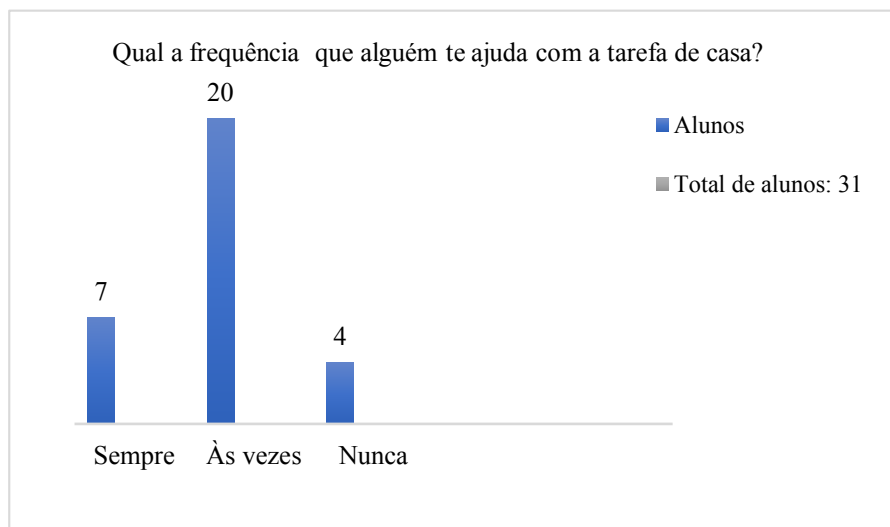
Ambas as respostas ‘faço na maioria das vezes’ e ‘faço às vezes’ obtiveram 12,9% cada. Dadas proporções podemos considerar que 25,81% deixam de fazer a tarefa em algum momento, desta forma nenhum deles deixa de realizar todas as tarefas solicitadas pela educadora.

É importante salientar que de acordo com Libâneo (2001), as tarefas de casa são uma oportunidade de promover o desenvolvimento da aprendizagem, pois os educandos devem, neste momento, estabelecer as devidas relações dos conhecimentos já adquiridos e estudados.

Na questão aberta ‘quando você não faz tarefa são por quais motivos?’ responderam que falta tempo, que esquecem, dormem cedo, saem de casa, vão ao médico, acordam tarde, assistem televisão, brincam, cuidam de seus familiares, por preguiça ou por ser chato.

Podemos observar pelo gráfico abaixo a frequência com que recebem ajuda para realizarem as tarefas de casa.

Gráfico 2 – Qual a frequência que alguém te ajuda com a tarefa de casa?



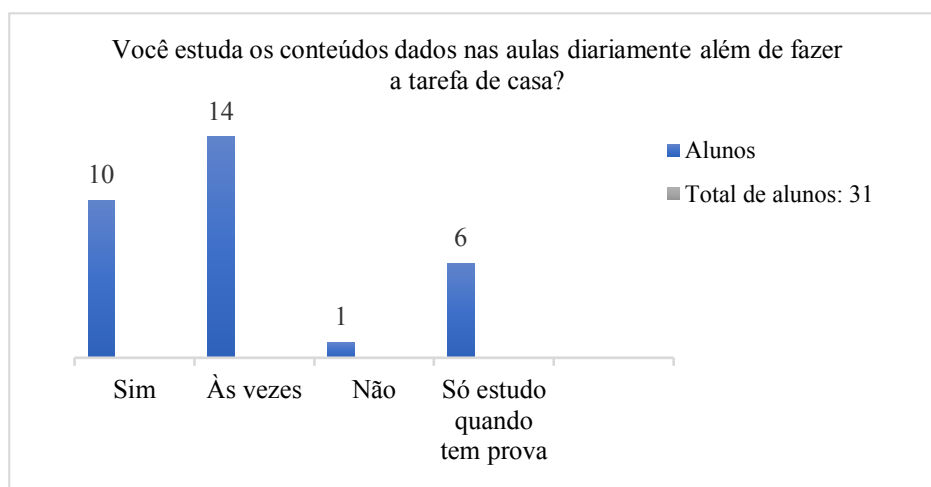
Fonte: Elaborado pelo Autor (2019).

Analisando os dados, é possível identificar que a maior porcentagem de educandos, sendo 64,51% só recebe ajuda nas tarefas às vezes, 22,58% são aqueles que recebem ajuda sempre e 12,91% nunca recebem ajuda de ninguém na execução das tarefas de casa.

Na questão aberta ‘quem te ajuda?’ 27 (87,9%) indicaram familiares como mãe, pai, avô, avó, irmãos, prima, tio, também professora do Projeto ao qual o educando frequenta em período contrário e, por fim, 4 (12,1 %) realizam as tarefas sozinhos.

Procurando identificar a frequência com que estudam os conteúdos dados em sala de aula, além da realização das tarefas, pode-se chegar aos resultados abaixo.

Gráfico 3 – Você estuda os conteúdos dados nas aulas diariamente além de fazer a tarefa de casa?



Fonte: Elaborado pelo Autor (2019).

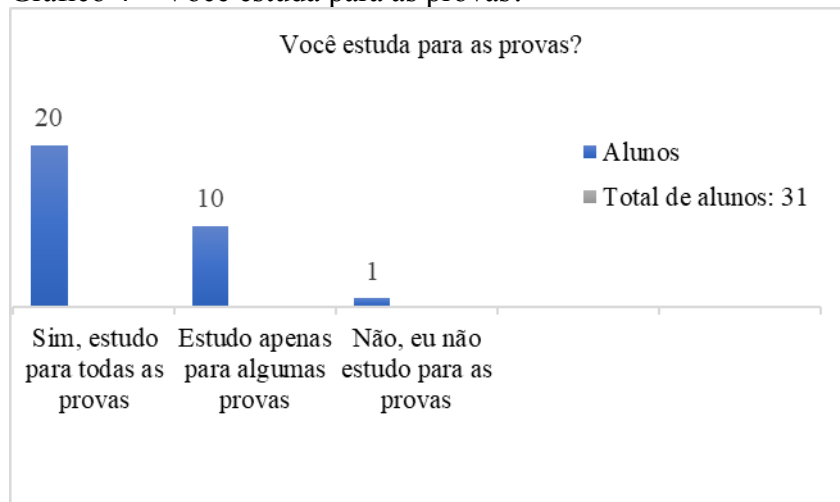
Ao analisarmos os resultados podemos verificar que 45,16% dos educandos estudam os conteúdos às vezes, já 32,25% declaram estudar diariamente. Podemos inferir que esta porcentagem identifica uma das características do desenvolvimento de um hábito, pois o estudo ocorre de maneira contínua.

Do total de educandos, 77,41% se envolvem com o estudo além das realizações das tarefas enquanto 19,37% assumem estudar apenas em períodos de provas e 3,22% não estudam. Dessa maneira, verificamos que o ato de estudar está em suas devidas proporções, como mostra o resultado, presente na rotina dos educandos além das tarefas de casa.

Contudo, é pertinente destacarmos mais uma vez que para Zabala e Arnau (2010) o estudo que acontece apenas para a realização de provas se utiliza geralmente de estratégias consideradas mecânicas e de curto prazo, o que provoca um esquecimento mais rápido do que foi estudado.

Ao serem questionados, especificamente, se estudam para as provas, os educandos responderam de acordo com o gráfico a seguir.

Gráfico 4 – Você estuda para as provas?

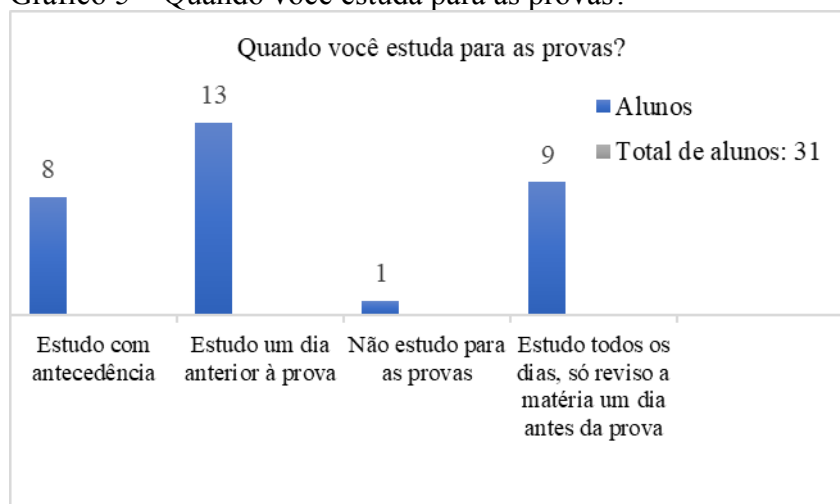


Fonte: Elaborado pelo Autor (2019).

A análise demonstra que 64,51% dos educandos estudam para todas as provas. Isso significa que mais da metade da classe se prepara para as mesmas. De outra parte, 32,27% declaram que estudam apenas para algumas provas e somente 3,22% afirmam não estudar para as provas.

O questionário também aborda a questão do momento em que acontecem os estudos para as provas, desta forma, obtemos o seguinte resultado.

Gráfico 5 – Quando você estuda para as provas?



Nesta questão os resultados, da maioria das respostas, não estão com grandes diferenças, porém há um maior índice quando os educandos respondem que estudam um dia anterior à prova, sendo um total de 41,95%.

Aqueles que estudam com antecedência somam um total de 25,80%, os que estudam todos os dias e revisam a matéria um dia antes 29,03% e, 3,22% assumem não estudar para as provas. Com estes dados, podemos concluir que mais de 95% da classe, em algum momento ou sempre, estudam para realizar as provas.

Entretanto, quando obtemos um maior resultado na resposta em que o educando estuda nas vésperas das provas, isto corrobora com a ideia de Ribeiro (2012) como já citado neste trabalho, que geralmente os educandos deixam acumular os conteúdos que serão cobrados nas provas, pois o interesse maior é a aprovação para poder passar de ano, todavia, este conteúdo será logo esquecido, visto que não houve uma preocupação em fixá-los (RIBEIRO, 2012).

As análises feitas acima correspondem às questões de 1 a 6. As questões 1, 3, 4, 5 e 6 são fechadas, a questão 2 é aberta e na questão 3 há uma pergunta complementar aberta.

Na sequência apresentaremos as análises das questões estritamente abertas.

A questão 7 foi dividida em 'a' e 'b'. A parte 'a' pretende saber se o educando tem um jeito de estudar e como estuda para a prova de Ciências Humanas e da Natureza. Do total de 31 educandos, 11 (35,48%) não responderam de forma adequada à pergunta, apenas relataram que estudam, mas não como realizam este processo, 1 (3,23%) afirmou não ter nenhum jeito de estudar, 12 (38,70%) disseram que apenas leem a matéria, 3 (9,69%) utilizam a internet e plataformas como o *Youtube*, e apenas 4 (12,90%) afirmam estudar fazendo anotações no caderno e também utilizando a internet ou livros. A parte 'b' da questão 7 pretende saber se

alguém ajuda o educando a estudar e quem ajuda. Das 31 respostas, 5 (16,12%) educandos disseram que estudam sozinhos e 26 (83,88%) que são ajudados por mães, pais, avós, avôs, irmãos, tia e educadora do projeto que estudam em horário contrário de aula.

A questão 8 foi dividida em 'a' e 'b'. A parte 'a' pretende saber se o educando tem um jeito de estudar e como estuda para a prova de Matemática. Dos 31 educandos, 11 (35,48%) não responderam de forma adequada à pergunta, apenas relataram que estudam, mas não como realizam este processo, 1 (3,22%) afirmou não ter nenhum jeito de estudar, 3 (9,69%) utilizam a internet e plataformas como o *Youtube*, 1 (3,22%) respondeu que apenas lê em sua casa com ajuda, e 15 (48,39%) educandos afirmam estudar realizando novamente as contas em seus cadernos.

A parte 'b' da questão 8 pretende saber se alguém ajuda a estudar para a prova de Matemática e quem ajuda. Dos 31 educandos, 3 (9,67%) têm auxílio de alguém, porém algumas vezes estudam sozinhos, 5 (16,12%) não possuem ajuda em seus estudos de Matemática e 23 (74,21%) responderam: suas mães, pais, avós, avôs, irmãos, tia e educadora do projeto que estudam em horário contrário de aula.

Diante do exposto, percebemos que a maioria dos educandos ao tratar da disciplina Ciências Humanas e da Natureza utilizam-se da leitura, outros conseguem pesquisar sobre o tema que deve ser estudado na internet e alguns realizam anotações que consideram importantes para o estudo.

Em nenhuma resposta encontramos estratégias como a utilização dos mapas mentais ou resumos, por exemplo, dos 20 educandos que responderam adequadamente a questão 8 na parte 'a', 8 deles relataram estratégias diferentes como a utilização de pesquisas na internet e de destaque em apenas nos pontos mais importantes os escrevendo em seu caderno.

Se os educandos tivessem mais orientações a respeito das estratégias de estudos, poderiam desenvolver melhor a habilidade do aprender a aprender, uma vez que com estratégias diversas é possível ampliar as formas de aprendizagem.

Como vimos neste trabalho, segundo Zabala (1998) é necessário ajudar os educandos a compreenderem a maneira que devem se organizar e proceder em seus estudos para aprenderem de forma eficiente, ou seja, manter as informações em nossa memória de longo prazo. Nesse sentido, a escola deve trabalhar diferentes estratégias e motivar os educandos a compreenderem seu processo de aprendizagem.

Já na Matemática, com os resultados obtidos, é possível observar que refazer as contas é uma das estratégias mais utilizadas. Portanto, é possível averiguar que refazer as atividades

de matemática faz com que coloquem em prática o que realmente aprenderam e assim, seguem revisando seus conhecimentos.

A questão 9 pretendia saber como é o lugar em que o educando estuda e faz tarefas. Foi possível verificar que cômodos como quarto e sala são os mais citados em suas respostas, outros espaços aparecem com pouca frequência, como área e cozinha. Alguns participam de projeto contrário ao horário de suas aulas, onde são auxiliados por educadores nos momentos de estudos e tarefas. Ainda sobre o lugar em que estudam apareceram nas respostas da maioria, que realizam essa atividade em uma mesa ou escrivaninha, além de sofá e cama. Alguns caracterizam o seu lugar de estudo e de tarefas como um lugar calmo que ajuda na concentração. Ponto importante que Ribeiro (2012) destaca, já supracitado, sobre sermos capazes de nos concentrarmos nas atividades, pois a concentração garante um aprendizado mais efetivo além de melhorar a capacidade de recordar a matéria estudada.

Estes questionamentos são importantes para verificarmos se os educandos, de acordo com Castro (2015) e Ribeiro (2012), possuem condições favoráveis ao desenvolvimento do hábito de estudo. Os autores afirmam sobre a importância de se ter um lugar para os estudos, que seja calmo e confortável. Como pudemos perceber nem todos possuem um local apropriado para suas tarefas de casa e de estudos, talvez falte para eles apenas uma orientação de como se organizarem para cumprirem suas atividades de forma mais eficiente.

5.3 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DA EDUCADORA

Serão apresentados os resultados da análise do questionário aplicado à educadora do 5º Ano da Escola Municipal Tropical, responsável pelos educandos que também responderam a um questionário.

Com relação ao tempo em que leciona, atua há dezenove anos no magistério, está na Escola Tropical há sete anos e, especificamente por quatro anos trabalha com 5º Ano do Ensino Fundamental.

Quanto à escola ter algum projeto de orientação de estudo para os educandos e se ela própria desenvolve alguma ação para orientá-los, a resposta foi que a escola não tem projeto e afirmou que desenvolve ações com os educandos para o hábito de fazer as tarefas de casa e estudar para as provas. Dentre as ações citou: “Oriento para que, além de estudarem lendo os conteúdos, façam resumos e grifem palavras chaves, nas disciplinas como Língua Portuguesa

e Ciências Humanas e da Natureza. Destaquem aquilo que acham importante para aprender o que estão estudando. Revisem o que escreveram. Em Matemática, grifem os dados dos problemas propostos e, analisem o que se pede nas perguntas. Também, que comparem com os problemas do dia a dia”.

Compreendemos que a educadora orienta os educandos de como devem estudar, porém, quando comparamos com as respostas dos educandos, é possível perceber que muitos ainda não praticam tais orientações, pois, ao detalharem sua forma de estudar, a palavra resumo não apareceu nenhuma vez, mas anotações importantes e grifos apareceram. De acordo com os dados das 20 respostas adequadas para a questão 7 na parte ‘a’ e questão 8 na parte ‘a’, apenas 4 afirmam realizar anotações e grifos.

Quanto ao número de educandos que frequentam projetos no período contrário, segundo a educadora, dos 31 somente 7 frequentam projetos no contra turno e assim, recebem auxílio na execução das tarefas diárias e nos estudos.

Foi perguntado com que frequência solicita tarefas de casa e qual a média de porcentagem diária de realização das mesmas. A resposta foi que, geralmente, solicita quatro vezes por semana, de segunda a quinta-feira. Com esta periodicidade de tarefas de casa, entendemos que há oportunidade de os educandos criarem rotina de tarefas e de estudos, pois conforme apontado, 95,92% afirma realizar sempre suas tarefas de casa. Quanto à porcentagem média diária de realização de tarefas de casa a resposta foi que 90% realizam, correspondendo com as respostas do questionário destinado aos educandos.

Para a correção das tarefas de casa perguntamos à educadora qual o procedimento que ela utiliza, sua resposta foi: “Primeiro, visto os cadernos para verificar se realmente fizeram as tarefas. Em seguida, corrijo na lousa para que todos possam também corrigi-las no caderno. Conforme o conteúdo, chamo os alunos para resolver as dificuldades no quadro negro.”

Como vimos, Libâneo (2001, p. 98) afirma que as tarefas de casa “são um meio insubstituível para aprimorar os conhecimentos, formar habilidades e hábitos, desenvolver o pensamento independente e criativo”. Desta forma, observamos que os educandos do 5º Ano da Escola Municipal Tropical, têm por meio da solicitação e correção das tarefas, a oportunidade de fixação do conteúdo e desenvolvimento do hábito de estudo.

Ao questionar se a educadora alguma vez apresentou o endereço de algum site, mídias, blogs ou algum canal do *Youtube* que podem auxiliá-los na execução das tarefas de casa ou para estudar para as provas a resposta foi que não.

De acordo com as respostas dos educandos, é possível observar que alguns utilizam a internet e plataformas digitais, como o *Youtube*, mesmo sem a orientação da educadora.

Mesmo não sendo uma grande porcentagem que utiliza tais recursos, ela poderia orientá-los a respeito das diversas informações que há disponíveis na internet e apresentar sites confiáveis para servirem de apoio a seus estudos e tarefas de casa.

Ao ensinar os educandos a fazerem pesquisas no meio digital e usá-las como meio de estudo, a educadora colabora com o desenvolvimento da autonomia dos mesmos, pois ao compreenderem que devem ter certos cuidados ao adentrarem neste espaço cheio de informações, conseguiriam filtrá-las tomando uma postura crítica frente a elas. Neste ponto, podemos considerar que esta habilidade é primordial para uma educação ao longo da vida, visto que, capacita os educandos a continuar aprendendo fora dos muros da escola.

Para a pergunta com que antecedência a educadora marca data de provas e se explica os conteúdos que serão avaliados, a resposta foi que cerca de quinze dias antes da prova, ela marca as mesmas e uma semana antes faz uma revisão dos conteúdos. Quanto à forma de revisão a resposta foi: “Como se estivessem estudando em casa, da maneira que venho orientando. Recupero os conteúdos que serão avaliados por meio de atividades que passo na lousa e eles registram no caderno, para que estudem em casa”.

A revisão é uma estratégia importante para os estudos, conforme já citado neste trabalho, e de acordo com Castro (2015, p. 147) “O grande desafio da aprendizagem é transferir a informação importante que está na memória de curto prazo para longo prazo”. Por meio da revisão podemos reforçar a aprendizagem, pois exercitamos os conteúdos já estudados. Entretanto, é válido lembrar que Castro (2015) afirma que devemos utilizar formas ativas de revisão, como resumos, notas, esquemas, entre outras formas.

Foi perguntado à educadora se ela já orientou os educandos sobre algumas estratégias de estudos e a mesma afirmou ter orientado os mesmos a fazer resumos de textos, mapas mentais. O material pedagógico que utiliza trabalha com os procedimentos do ler para estudar, fazer revisão dos conteúdos, grifar e destacar o que é mais importante e, ter um caderno de estudo para os resumos.

Por fim, foi perguntado a respeito do ato de estudar com eficiência, se é algo que se adquire e se há necessidade de ensinar a estudar. A educadora respondeu acreditar que saber estudar é uma habilidade que se adquire baseada em orientações e estratégias praticadas ao longo dos anos iniciais da escola.

Seu ponto de vista corrobora com o de Ribeiro (2012, p. 9), que diz “saber estudar com eficiência não é algo natural, que nasce com a pessoa; é algo que se adquire”.

Frente à análise, consideramos que os educandos desenvolvem algumas estratégias de estudos, como a leitura e a revisão com a educadora em sala de aula, contudo, não possuem as

devidas orientações para realizarem pesquisas na internet, o que atualmente é imprescindível, uma vez que estamos em um momento onde há possibilidade de fácil acesso a várias informações que podem auxiliar na aprendizagem.

Outro ponto a destacar é a ausência de estratégias como resumos e mapas mentais, que no questionário a educadora afirma que ensina, mas nas respostas dos educandos, tais estratégias não estão presentes no cotidiano, ao se tratar de estudo.

Podemos concluir que a presença dos pais ou familiares, auxiliando nos momentos de tarefas e estudos, corresponde a um número bem expressivo, pois, mais da metade dos educandos recebem ajuda para as atividades.

De acordo com Ribeiro (2012), a participação dos pais gera um equilíbrio emocional e um sentimento de confiança que são necessários para motivarem seus filhos e de se mostrarem interessados na vida escolar dos mesmos, além de participar de reuniões escolares e colaborar com a construção do hábito de estudo.

De modo geral, os educandos do 5º Ano da Escola Tropical apresentam um bom desempenho na realização de suas tarefas de casa e de estudo para provas, entretanto, há sempre a possibilidade de melhorar.

Após a análise dos resultados dos questionários, sugerimos à escola fornecer aos educandos: um trabalho mais aprofundado sobre estratégias de estudos, com ênfase na pesquisa em meios digitais; orientações sobre a construção do hábito de estudar, incluindo como devem se organizar e como deve ser o local de suas tarefas de casa e estudo e, trabalhar ações mais ativas na revisão dos conteúdos. Também sugerimos um trabalho com os pais, de orientação sobre as ações da escola relacionadas às tarefas e estudos diários para que sejam parceiros da instituição.

Desta forma, os educandos se tornarão cada vez mais autônomos e capazes de racionalizar os processos que utilizam para efetivarem a aprendizagem, garantindo assim, a habilidade de aprender a aprender e utilizá-la por toda sua vida para qualquer tipo de interesse ou curiosidade que venha a ter.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendido o verdadeiro papel da educação e do educador, frente à formação de cidadãos conscientes de sua atuação no mundo, consideramos o quanto é importante que os educandos desenvolvam sua autonomia, a fim de articularem suas competências e capacidades aprendidas na escola, em situações do seu dia a dia.

Segundo especialistas e educadores, referenciados neste trabalho, é possível desenvolver a aprendizagem significativa e a autonomia nos educandos, pois quando eles aprendem a aprender, levam para a vida as estratégias adquiridas para buscar novos conhecimentos. É sabido que enquanto vivemos é possível aprender e que não é somente nos espaços escolares que se restringe a educação. Desta maneira, é importante que os educadores ofereçam, aos educandos, a possibilidade de aprenderem procedimentos, estratégias, técnicas e métodos de estudo e de aprendizagem.

A pesquisa realizada contribuiu para a identificação de condições e estratégias que favorecem a realização das tarefas de casa e o hábito de estudo. Elas são muitas, mas abordamos algumas como o Mapa Mental, as Pesquisas em Meios Digitais, a Leitura Compreensiva e a Revisão como possibilidades para trabalhar com educandos de 5º Ano do Ensino Fundamental, porém, cabe ao educador selecionar as mais adequadas para os conteúdos e para a realidade de sua turma. Orientar os educandos quanto ao local, horário, tempo e recursos necessários para a realização de tarefas de casa contribui para a aquisição do hábito de estudo.

O quinto capítulo contribuiu para identificarmos como escola, educador e educandos de uma turma de 5º Ano do Ensino Fundamental trabalham com a questão dos estudos e tarefas escolares e assim, apresentamos algumas considerações: a maioria dos educandos faz as tarefas de casa propostas pela educadora; às vezes, eles têm apoio de alguém da família para ajudar nas atividades; não apresentam hábito de estudar diariamente os conteúdos das aulas; a maioria estuda para todas as provas. Entretanto, isto acontece um dia antes das mesmas e, os educandos não são claros em suas respostas, quanto à utilização de estratégias para estudar, se apegando na leitura e em resumos dos conteúdos.

A escola não tem um projeto que abranja todos os educandos sobre orientações para os estudos. A educadora orienta a classe e se apoia no material que utiliza e que apresenta, por exemplo, o ler para estudar e resumir, o que reforça as estratégias utilizadas e respondidas pelos educandos.

A contribuição dessa pesquisa reside em sugerir à escola que desenvolva um projeto voltado para orientações de estudo a todos os educandos, incluindo orientações de como os mesmos podem se organizar quanto ao local, tempo e recursos para fazerem as tarefas de casa e os estudos diários. À educadora sugerimos ênfase na orientação para as pesquisas na Internet, pois, não há como negar o uso da tecnologia na escola.

Nossa hipótese apresentada na introdução desse trabalho era a de que “as escolas se preocupam em desenvolver os conteúdos do currículo, em avaliar as aprendizagens, em solicitar tarefas de casa, porém não ensinam aos educandos como estudar, como buscar informações, independentemente dos educadores, ou como devem organizar essas informações”. Consideramos que há sim a preocupação com conteúdos, aprendizagens e avaliação dos educandos, mas com relação à orientação de estudos, realmente, ainda há muito a fazer, principalmente com relação às estratégias de estudos e à orientação aos pais para cobrarem dos filhos a realização das tarefas e o estudo diário. Os pais também podem ser orientados quanto à importância de um ambiente de estudo o mais adequado possível para a realização das tarefas de casa.

Consequentemente, os educandos tornar-se-ão cada vez mais autônomos e capazes de racionalizar os processos que utilizam para efetivarem a aprendizagem, garantindo assim, a habilidade de aprender a aprender e utilizá-la por toda sua vida para qualquer tipo de interesse ou curiosidade que venham a ter.

É importante destacarmos que, outras pesquisas poderão ser elaboradas a partir desta, pois, há vários fatores que podem ser abordados para uma melhor compreensão do desenvolvimento da habilidade do aprender a aprender pelo estudo ativo, que colabora com o desenvolvimento da autonomia dos educandos.

Como por exemplo, uma pesquisa de campo buscando observar os conteúdos procedimentais aplicados pela educadora no desenvolvimento de estratégias de estudos, bem como, analisar os livros didáticos e suas contribuições com a habilidade do aprender a aprender, entre outros temas que, ao ler este trabalho, possam surgir.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. D. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 5. ed. São Paulo - SP: Atlas, 2001.

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. 9. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010. p. 7-87.

BASTO, Beth et al. **Introdução à educação digital**: caderno de estudo e prática. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação à Distância, 2008.

BRASIL. Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, 13 junho 2013, Seção 1. p. 59.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. p. 5 – 581. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acessado em 27 de out. de 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acessado em 27 de out. de 2019.

BUZAN, Tony. **Mapas mentais**. 1. ed. Rio de Janeiro - RJ: Sextante, 2009. p. 6-95.

CASTRO, C. D. M. **Você sabe estudar?: Quem sabe, estuda menos e aprende mais**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 1-173.

CRESWELL, J. W. (2007) **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Port Alegre: Artmed, 2007.

DELORS, Jacques (org). **Educação um tesouro a descobrir** – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. Editora Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo - SP: Atlas, 2002. p. 15-176.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

LEÃO, D. M. M. PARADIGMAS CONTEMPORÂNEOS DE EDUCAÇÃO: ESCOLA TRADICIONAL E ESCOLA CONSTRUTIVISTA. **FACED - UFC**, Fortaleza - Ceará, v. 107, n. 1, p. 187-206, jul./1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a08.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2019.

LIBÂNEO J.C. **Didática**. 2ª ed. São Paulo: Cortez; 2001.

LUCENA, Carlos; FUKS, Hugo; edição e organização: Nilton Santos. **Professor e aprendiz na web**: a educação na era da internet. Rio de Janeiro: Clube do Futuro, 2000.

MOREIRA, M. A., MASINI, E. F .S. **Aprendizagem significativa**: A teoria de David Ausubel 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de Metodologia Científica**. Projeto de Pesquisa, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

RIBEIRO, M. A. D. P. **Técnicas de aprender**: Conteúdos e habilidades. 1. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2012. p. 1-195.

ROSA, S. S. D. **Construtivismo e mudança**. 8. ed. São Paulo - SP: Cortez, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 1998. p. 1-194.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia pedagógica**. 2. ed. São Paulo - SP: Martins Fontes, 2004. p. 1-561.

ZABALA A. **A prática educativa**. Como ensinar. Revisão 210 Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZABALA, Antônio; ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 9-197.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. 2. ed. São Paulo - SP: Ática, 2009. p. 5-133.

APÊNDICE – A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o Secretário da Educação

Solicitamos a autorização para que seja possível a realização da pesquisa “Aprender a aprender: o estudo ativo no desenvolvimento da autonomia do educando”, na Escola Tropical que tem como pesquisadora responsável Priscila Giansante Rossi, portadora do RG _____, estudante do 7º semestre do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga – FAIBI.

Esta pesquisa pretende identificar o hábito de estudo dos educandos do 5º Ano do Ensino Fundamental e suas estratégias de aprendizagem dos conteúdos ensinados na escola. Justifica-se a escolha dessa escola por ter apenas uma sala de 5º Ano e por ser a mais central em termos de localização.

O motivo que nos leva a fazer este estudo refere-se à realização do Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga.

Caso haja a autorização, a pesquisa será em lócus e contará com um questionário que deverá ser respondido pelos alunos e uma entrevista com a professora dos mesmos, além do compartilhamento dos resultados da pesquisa em um encontro na Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo – HTPC.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Os dados obtidos na pesquisa serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 3 anos.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável Priscila Giansante Rossi, qualquer dúvida entrar em contato pelo e-mail: _____ ou pelo telefone: _____

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, autorizo a aplicação da pesquisa: “Aprender a aprender: o estudo ativo no desenvolvimento da autonomia do educando”, na referida escola, e autorizo a divulgação das informações fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado identifique os participantes.

Eu, _____, Secretário da Educação de Ibitinga autorizo a aplicação da pesquisa: “Aprender a aprender: o estudo ativo no desenvolvimento da autonomia do educando”.

Esta autorização foi concedida após os esclarecimentos que recebi sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados.

Autorizo, ainda, a publicação das informações fornecidas por ele (a) em congressos e/ou publicações científicas, desde que os dados dos participantes não sejam divulgados.

Ibitinga, 22 de maio de 2019.

Assinatura do responsável pela autorização

Assinatura da Pesquisadora

APÊNDICE – B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a Diretora da Escola

Estamos solicitando a você a autorização para seja possível a realização da pesquisa: “Aprender a aprender: o estudo ativo no desenvolvimento da autonomia do educando”, que tem como pesquisadora responsável Priscila Giansante Rossi, portadora do RG _____, estudante do 7º semestre de Pedagogia da Faculdade de Ciências, Filosofia e Letras de Ibitinga – FAIBI.

Esta pesquisa pretende identificar o hábito de estudo dos educandos e suas estratégias de aprendizagem dos conteúdos ensinados na escola. Desta forma, há a necessidade de aplicar a pesquisa em uma escola municipal que contemple o Ensino Fundamental.

O motivo que nos leva a fazer este estudo refere-se à realização do Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Ciências, Filosofia e Letras de Ibitinga.

A pesquisa contará com um questionário que deverá ser respondido pelos educandos da quinta série do Ensino Fundamental em uma data a ser combinada com a professora, e uma entrevista com a professora destes alunos, além do compartilhamento dos resultados da pesquisa em um encontro na Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo – HTPC.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Os dados obtidos na pesquisa serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 3 anos.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável Priscila Giansante Rossi, qualquer dúvida entrar em contato pelo e-mail: _____ ou pelo telefone: _____.

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, concordo na aplicação da pesquisa: Aprender a aprender. A arte do estudo e autorizo a divulgação das informações fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado identifique os participantes.

Eu, _____, diretora da Escola Tropical, autorizo a aplicação pesquisa: “Aprender a aprender: o estudo ativo no desenvolvimento da autonomia do educando”.

Esta autorização foi concedida após os esclarecimentos que recebi sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados.

Autorizo, ainda, a publicação das informações fornecidas por ele(a) em congressos e/ou publicações científicas, desde que os dados dos participantes não sejam divulgados.

Ibitinga, 15 de maio de 2019

Assinatura do responsável pela autorização

Declaração do pesquisador responsável

Como pesquisador responsável pelo estudo: “Aprender a aprender: o estudo ativo no desenvolvimento da autonomia do educando”, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Ibitinga, 15 de maio de 2019

Assinatura do pesquisador responsável

APÊNDICE – C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a Educadora

Você está sendo convidada a participar da pesquisa: “Aprender a aprender: o estudo ativo no desenvolvimento da autonomia do educando”, nesta unidade escolar e que tem como pesquisadora responsável Priscila Giansante Rossi, portadora do RG XXXXXXXX, estudante do 7º semestre de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga – FAIBI.

Esta pesquisa pretende identificar o hábito de estudo dos educandos de 5º Ano do Ensino Fundamental e suas estratégias de aprendizagem dos conteúdos ensinados na escola.

Justifica-se a escolha dessa escola por ter apenas uma sala de 5º Ano e por ser a mais central em termos de localização.

O motivo que nos leva a fazer este estudo refere-se à realização do Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga.

A pesquisa contará com um questionário que deverá ser respondido pelos alunos do 5º Ano em uma data a ser combinada com a professora, e uma entrevista com a docente destes alunos, além do compartilhamento dos resultados da pesquisa em um encontro na Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo – HTPC.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Os dados obtidos na pesquisa serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 3 anos.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável Priscila Giansante Rossi, qualquer dúvida entrar em contato pelo e-mail: _____ ou pelo telefone: _____.

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, concordo na aplicação da pesquisa “Aprender a aprender: a arte do estudo” e autorizo a divulgação das informações fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado identifique os participantes.

Eu, _____, professora do 5º Ano da Escola Tropical, concedo minha participação na pesquisa “Aprender a aprender: o estudo ativo no desenvolvimento da autonomia do educando”.

Esta autorização foi concedida após os esclarecimentos que recebi sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados.

Autorizo, ainda, a publicação das informações fornecidas por ele (a) em congressos e/ou publicações científicas, desde que os dados dos participantes não sejam divulgados.

Ibitinga, 22 de maio de 2019.

Assinatura do responsável pela autorização

Assinatura da Pesquisadora

APÊNDICE – D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os Pais ou Responsáveis

Estamos solicitando a você a autorização para que o menor pelo qual você seja responsável participe da pesquisa “Aprender a aprender: o estudo ativo no desenvolvimento da autonomia do educando”, que tem como pesquisadora responsável Priscila Giansante Rossi, portadora do RG _____, estudante do 7º semestre do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga – FAIBI.

Esta pesquisa pretende identificar o hábito de estudo dos alunos e suas estratégias de aprendizagem dos conteúdos ensinados na escola.

O motivo que nos leva a fazer este estudo refere-se à realização do Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga.

Caso você decida participar, você deverá autorizar o menor pelo qual você é responsável a responder um questionário contendo perguntas referentes ao hábito de estudo e estratégias de estudos utilizadas para a aprendizagem dos conteúdos ensinados na escola. Este questionário será aplicado em um dia de aula a combinar com a professora e deverá durar aproximadamente quarenta minutos.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Os dados fornecidos serão confidenciais e divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa identificar o aluno.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 3 anos.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com o pesquisador responsável Priscila Giansante Rossi, qualquer dúvida entrar em contato pelo e-mail: _____ ou pelo telefone: _____.

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, autorizo o aluno a participar da pesquisa “Aprender a aprender: o estudo ativo no desenvolvimento da autonomia do educando” e autorizo a divulgação das informações fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa identificar o aluno.

Eu, _____, representante legal do menor _____, autorizo sua participação na pesquisa “Aprender a aprender: o estudo ativo no desenvolvimento da autonomia do educando”.

Esta autorização foi concedida após os esclarecimentos que recebi sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados.

Autorizo, ainda, a publicação das informações fornecidas por ele (a) em congressos e/ou publicações científicas, desde que os dados apresentados não possam identificar o aluno.

Ibitinga, 22 de maio de 2019.

Assinatura do Responsável do Aluno

Assinatura da Pesquisadora

APÊNDICE – E

Questionário para os educandos

1- Você faz a tarefa de casa:

☐ Sempre, eu gosto de fazer tarefa.

☐ Sempre, mas acho chato.

☐ Faço na maioria das vezes.

☐ Faço às vezes.

☐ Não faço.

2- Quando você não faz a tarefa são por quais motivos?

3- Qual a frequência que alguém te ajuda com a tarefa de casa? Quem te ajuda?

☐ Sempre ☐ Às vezes ☐ Nunca

4- Você estuda os conteúdos dados nas aulas diariamente além de fazer a tarefa de casa?

☐ Sim

☐ Às vezes

☐ Não

☐ Só estudo quando tem prova.

5- Você estuda para as provas?

☐ Sim, estudo para todas as provas.

☐ Estudo apenas para algumas provas.

☐ Não, eu não estudo para as provas.

6- Quando você estuda para prova?

☐ Estudo com antecedência.

☐ Estudo um dia anterior à prova.

☐ Não estudo para as provas.

☐ Estudo todos os dias, só reviso a matéria um dia antes da prova.

7- Para a prova de Ciências Humanas e da Natureza:

- a) Você tem um jeito de estudar? Como é?
- b) Alguém te ajuda? Quem? Por exemplo: sua mãe, pai, tia, irmão...

8- Para a prova de Matemática:

- a) Você tem um jeito de estudar? Como é?
- b) Alguém te ajuda? Quem? Por exemplo: sua mãe, pai, tia, irmão...

9- Na sua casa, como é o lugar que você estuda e faz as tarefas?

APÊNDICE – F

Questionário para a educadora

1- Há quanto tempo leciona nesta escola?

2- Há quanto tempo leciona nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? E no 5º Ano?

3- A escola tem algum projeto de orientação de estudo para todos os alunos?

() sim () não

Se sim, qual

4- Você desenvolve alguma ação para orientar seus alunos para o hábito de fazer as tarefas de casa e estudar para as provas?

() sim () não

Se sim, relate como é a ação.

5- Dos 31 alunos da sua turma, quantos frequentam projetos no período contrário das aulas e que colaboram com a execução das tarefas dos alunos?

6- Qual a frequência semanal que você solicita tarefas de casa para os alunos?

7- Qual a média de porcentagem diária de realização de tarefas de casa pelos seus alunos?

8- Que procedimentos você utiliza para a correção das tarefas?

9- Você já apresentou o endereço de algum site, mídias, blogs ou algum canal do Youtube que pode auxiliar seus alunos na execução das tarefas de casa ou para estudar para provas?

() sim () não

Justifique:

10- Com qual antecedência você passa para os alunos a data da prova e os conteúdos que serão avaliados?

11- Você faz algum tipo de revisão dos conteúdos que serão avaliados nas provas?

() sim () não

Se sim, como é feito?

12- Você já orientou seus alunos sobre algumas estratégias de estudos? Por exemplo:

- () Fazer resumos dos textos
- () Fazer mapas mentais
- () Os procedimentos do ler para estudar
- () Fazer revisão dos conteúdos
- () Outras. Quais

13- Você acredita que saber estudar com eficiência não é algo natural, que nasce com a pessoa, mas algo que se adquire? Você acredita que há necessidade de ensinar como se estuda e não subentender que o aluno já tenha essa habilidade, principalmente se tratando de anos iniciais do Ensino Fundamental?